



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA - DAN

**Negros Intelectuais: Trajetórias de docentes da Universidade de Brasília**

Rafael Severo de Azevedo

2019

**BRASÍLIA**

**2019**

**RAFAEL SEVERO DE AZEVEDO**

**Negros Intelectuais: Trajetórias de docentes da Universidade de Brasília**

Monografia apresentada junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá – DAN/UnB

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr.– DAN/UnB (Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família, em especial minha mãe e meu pai por todo apoio, confiança e empatia na minha trajetória. Por entender e aceitar minha escolha de transferir do curso de Engenharia Civil para Ciências Sociais. Por sempre terem se esforçado para me proporcionar todas as condições para possibilitar eu chegar onde estou, sou eternamente grato.

Ao meu irmão mais novo Rodrigo por ser em diversos momentos a companhia que me fazia esquecer de todos os problemas emocionais do meu processo e a me manter firme e forte nessa fase tão delicada.

A minha avó Glória por todo o apoio, todo o amor, e, mesmo distante, por sempre ter acreditado, desejado e motivado profundamente minhas conquistas.

Aos meus amigos de longa data com quem tanto pude conversar, me divertir, sorrir e chorar nos momentos mais felizes e mais difíceis desse percurso, Iago Timbó, Luma Guerra, Victor Freire, Guilherme Marques, Guilherme Blanck e Douglas Sena.

As felizes amizades de Sociais que quero manter para o resto da vida, Iury Frutuoso, Carlos “Angoleiro” e Juliana Bessa.

Ao meu orientador, Guilherme Sá, por toda confiança e atenção que tornaram esse trabalho possível.

A todos os professores que cruzei nessa caminhada e a todos os funcionários da Universidade de Brasília por tornar a realidade que vivi nesses anos possível.

E por fim, mas não menos importante, a todos os negros(as) intelectuais com quem pude ter contato, seja através das entrevistas, em sala de aula, em palestras e em leituras. Tenho profunda admiração por todos eles.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>CAPÍTULO 1 – Caminho teórico e metodológico da pesquisa</b> .....	12
Minha trajetória e aproximações com o tema .....	12
Aspectos teóricos e metodológicos .....	14
Desigualdades raciais e lutas antirracistas brasileira .....	20
Ações afirmativas .....	24
<b>CAPÍTULO 2 – Da trajetória pessoal à docência</b> .....	28
Família e o pertencimento racial na infância.....	28
Superação e ascensão social através do estudo .....	29
A migração na busca de melhores condições de vida e estudo .....	32
A escola: primeiras discriminações, a falta de colegas negros(as), o estigma de “ser duas vezes melhor” e novo espaço para construção de identidade .....	33
Estratégia de investimento: escola particular no último ano ou cursinho preparatório.....	38
Adultização precoce .....	40
Escola técnica federal .....	41
Desafios da trajetória acadêmica: sensação de inferioridade, afunilamento e o estranhamento com relação ao corpo negro .....	43
Situações de discriminação fora da academia .....	49
<b>CAPÍTULO 3 – Ser negro(a) e professor(a) universitário</b> .....	52
Racismo institucional, sutilezas do preconceito e estratégias de sobrevivência .....	55
Papel de fomentador do debate e na formação de alunos negros .....	63
Militância X Academia .....	66
Ações afirmativas e cotas .....	72
Com relação a situação atual e perspectivas futuras .....	80
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	84
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	89

## INTRODUÇÃO

Este estudo nomeado - *Negros Intelectuais: sobre trajetórias de docentes da Universidade de Brasília* - busca desenvolver questões referentes as discussões sobre negritude, identidade, educação, relações raciais e conhecimento científico. Com intuito de compreender e identificar no que a experiência de negros(as) ao tornarem-se intelectuais pode contribuir para o debate das relações étnico-raciais e do exercício da ciência.

A proposta inicial da pesquisa é analisar os processos de formação de subjetividades dos professores universitários negros da Universidade de Brasília (UnB) ao longo de suas trajetórias pessoais, dentro e fora de seu ambiente de trabalho. Para isso, fez-se necessário uma investigação com base nas vivências pessoais de cada professor, alinhando suas semelhanças e diferenças na construção de suas respectivas identidades e formação como intelectual.

Em seu livro *Negritude - usos e sentidos*, o congolês e antropólogo Kabengele Munanga (2009) procura definir o conceito de negritude e seus objetivos. Segundo ele, os “escritores da negritude” almejam três objetivos principais:

[...] buscar o desafio cultural do mundo negro (a identidade negra africana), protestar contra a ordem colonial, lutar pela emancipação de seus povos oprimidos e lançar o apelo de uma revisão da relação entre os povos[...] (MUNANGA, 2009, p.52).

Ao resgatar um dos principais intelectuais da diáspora africana, Aimé Césaire, Munanga afirma que “Para Césaire, a *negritude* é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura. Mais tarde, Césaire irá redefini-la em três palavras: identidade, fidelidade, solidariedade” (2009, p. 52).

Por ter a temática racial como cerne da pesquisa, é por meio das experiências individuais de discriminação, preconceito e racismo entre as diversas relações dos sujeitos desta pesquisa que se busca compreender os desafios que são postos frente a, ainda modesta, parcela da população negra que se dedica ao caminho da prática acadêmica, e sua respectiva posição frente a esses desafios. Julgo importante o caráter biográfico da pesquisa pois em acordo com a socióloga negra Patricia Hill Collins (2016) acredito que pode ser benéfico para o potencial criativo dos pesquisadores, dar mais confiança as

biografias pessoais. Ao discorrer com enfoque sobre o que ela denomina de pensamento feminista negro, ela define um novo status, *outsider within*, que no caso seriam as mulheres negras, mas não apenas elas, que estão inseridas (*within*) e reconhecidas em locais de predominância branca, em uma suposta “mesma posição”, mas que pelo fator racismo ainda permanecem sendo subalternizadas (*outsiders*). Ela comenta que além do treinamento sociológico, esse status de estar “dentro e fora” ao mesmo tempo, tem o potencial para o cientista social pois permite introduzir as suas experiências pessoais e culturais como um alicerce para a produção desse conhecimento, trazendo questões negligenciadas por aqueles cientistas sociais que pretendem um distanciamento objetivo e não enviesado de seu “objeto” de pesquisa. Seria buscar um equilíbrio entre as qualidades do ofício sociológico e das contribuições pessoais. Nas palavras de Collins: “a realidade vivenciada é usada como fonte válida de conhecimento para criticar fatos, ao passo que o pensamento sociológico oferece novas formas de ver esta realidade vivenciada” (2016, p.123).

Também foi fator motivador e, portanto, crédito importância, ao valor comparativo desta pesquisa, tanto para discussões passadas quanto para o que há de vir, tendo em vista que a problemática aqui tratada, já foi discutida em outros momentos da história<sup>1</sup>, atentando que, apesar dos avanços, muitas questões problematizadas há tempos ainda se mostram presentes, centrais e ainda sem proposições nos debates e nas ações práticas que buscam justiça e inclusão social da população negra. Considero esse tipo de pesquisa fundamental para análise dos progressos, estagnações ou regressos da luta antirracista.

A intelectual e ativista da luta contra o racismo Nilma Lino Gomes (2003) ao discorrer sobre identidades negras na educação afirma que:

[...]quando pensamos a articulação entre educação, cultura e identidade negra, falamos de processos densos, movediços e plurais, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais. Processos que estão imersos na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, entre a memória e a história. (GOMES, 2003, p. 171)

---

<sup>1</sup> Para citar alguns: Hooks (1995) Gomes (2010), Holanda (2009), Oliveira (2013), Pires (2014), Carvalho (2006), Inocêncio (2007)

Dada a complexidade desse processo, é válido ressaltar que em acordo com a citação anterior e de tantos outros pensadores contemporâneos que pesquisam o tema, também tratarei aqui o conceito de identidade e sua formação, como fruto de um dinamismo contínuo, que se dá a partir de negociações e percepções individuais e coletivas, podendo ser influenciada ora por experiências de pertencimento, ora por de exclusão, entre múltiplos outros fatores externos e internos da individualidade de cada pessoa ao decorrer de sua própria história como formação escolar, relações profissionais, família, etc.

Para analisar esse processo de formação identitária, considero necessário o conhecimento da trajetória pessoal dos intelectuais presentes neste trabalho não apenas como docentes de uma universidade pública brasileira, mas sim resgatando suas memórias desde o período da infância até o momento presente das entrevistas que realizei. Isto porque acredito, como será melhor desenvolvido ao decorrer da dissertação, que a infância, abrangendo questões familiares, escolares, entre outras, tem, muitas vezes, papel fundamental na retroalimentação de um preconceito racial e do sentimento de inferiorização do corpo negro.

Este preconceito racial também é reflexo de um pensamento e imaginário social brasileiro fundado na noção de uma democracia racial advinda de um processo de mestiçagem da população. Não foram poucos os cientistas sociais<sup>2</sup>, em sua grande maioria brancos, que contribuíram para essa noção de que devido ao intenso (e planejado) processo de miscigenação, existiria uma suposta igualdade entre as raças na sociedade brasileira e portanto, diferindo de países como Estados Unidos da América e África do Sul onde a discriminação e segregação racial chegaram a ser institucionalizadas. Esta ideia foi amplamente difundida em território nacional e exportada para o resto do mundo. Não demorou muito para ser amplamente questionada e escancarada em sua mentira e desonestidade intelectual. Porém, infelizmente, ainda se faz presente e é reproduzida por grande parcela da população de nosso país.

Como foi dito e será mais amplamente discutido ao decorrer desta monografia, a democracia racial nesse país é uma mentira e infelizmente a população negra ainda sofre

---

<sup>2</sup> Para citar apenas alguns: Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*, Celso Furtado em *Formação Econômica do Brasil*.

com as mazelas do racismo e com o esforço para a construção de uma identidade nacional branca e hierarquizadora. As nuances desse sofrimento são bem pontuadas pelo já citado negro intelectual Kabengele Munanga (2009) ao afirmar que “entre seus problemas específicos está, entre outros, a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e consequentemente sua “inferiorização” e baixa estima; a falta de conscientização histórica e política, etc.” (2009, p.19). Uma de minhas hipóteses anteriores ao exercício desta pesquisa, e que se confirma através das narrativas dos entrevistados, é de que o caminho intelectual é encarado pelos negros(as) que trilham essa jornada, como estratégia de subversão desta posição de “inferioridade”, para alcançar um lugar de prestígio e de ascensão socioeconômica em nossa sociedade.

É inegável que a academia brasileira, assim como praticamente todas as universidades consequentes da modernidade, nasceu e reproduziu-se a partir de modelos epistêmicos eurocêntricos de uma hegemonia branca e de extrema exclusão de outros povos e outros saberes. Basta andar nos corredores, ver o corpo docente e discente, consultar os currículos e ementas de cursos para perceber o quão discrepante é o domínio em termos estatísticos da população e representação dos brancos em relação ao povo negro e indígena nas universidades brasileiras. O antropólogo José Jorge de Carvalho (2005-2006) fez bela contribuição no que diz respeito a essa temática, e ao comentar sobre essa exclusão, denuncia o que ele sugere ser um “confinamento racial acadêmico”, onde justamente os acadêmicos brancos estariam confinados a discutirem o saber científico apenas entre si, resistindo a inclusão de outros sujeitos e saberes, deslegitimando-os, perdendo assim os diversos benefícios de pluralidades ontológicas e epistemológicas para o conhecimento.

A Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira universidade federal a implementar as cotas para estudantes negros e indígenas na graduação no ano de 2004 proposta justamente pelo professor do Departamento de Antropologia José Jorge de Carvalho em parceria com a antropóloga e também professora do departamento durante o período, Rita Segato e também, principalmente, influenciada pelo movimento negro estudantil<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Em seu artigo “a trajetória de um intelectual negro na UnB”, Nelson Olokofo Inocência atribui grande importância nas intervenções de um coletivo de estudante negro nomeado enegreSer para as primeiras conquistas nas ações afirmativas. (2007)



Apesar de todos os avanços provenientes dessas e outras ações afirmativas, ainda estamos longe de atingirmos dados quantitativos e qualitativos satisfatórios com relação a quantidade de discentes, de docentes, de currículos e diálogos mais plurais. Apesar do contingente de discentes ter aumentado significativamente, o mesmo não parece ter acontecido com os docentes. Apesar de ter sido feita a partir de um levantamento não oficial de professores pretos e pardos, a quantidade coletada por mim não chega nem a 5% da população total de docentes dentro de seus departamentos e conseqüentemente da própria universidade<sup>4</sup>. O que chama atenção comparativamente ao levantamento feito pelo professor Carvalho (2006) há mais de uma década sobre a presença de docentes negros(as) nas principais universidades nacionais, mostrando que os(as) negros(as) não chegavam a 1% dos professores(as) em nenhuma delas. Não é necessário intervir apenas no direito de ingresso de discentes na graduação, mas também políticas para a permanência destes dentro das universidades e incentivo para ingresso e permanência nos cursos de pós-graduação e nos concursos para professores.

Percebo que a invisibilidade dessa população em um ambiente majoritariamente branco é reflexo sintomático de uma sociedade racista que ainda enfrenta muitas dificuldades em reconhecer este problema e agir contra ele. Acredito que o conhecimento produzido pela ciência presente nas universidades aqui comentadas, independentemente da área, só tem valor se for revertido em uma efetiva ação propositiva para os problemas e desafios atuais, e que por ventura venham surgir, dentro de nossa sociedade. Mais uma vez citando uma das referências no pensamento negro contemporâneo brasileiro e para minha discussão, Nilma Lino Gomes, que muito nos incita a refletir que é justamente graças a presença cada vez maior de negros(as) intelectuais e de suas pesquisas que “As ciências sociais e as humanidades são impelidas a realizar uma ‘mudança de paradigmas’ que lhes permita ajustar-se às exigências sistêmicas do capital global.” (2010, p.429). Portanto, encaro este ofício como um esforço em contribuir para essas mudanças, para a ascensão e emancipação da população negra em direção aos cargos de prestígio de nossa estrutura social ou pelo menos, longe da assimilação cultural responsável por séculos de

---

<sup>4</sup> Posteriormente a minha tentativa de um levantamento oficial fornecido pela própria universidade, tomei conhecimento através de uma matéria do veículo midiático G1, que a UnB tinha feito uma pesquisa informando que a quantidade de professores negros(as) não passava nem de 2% da população total. 65 professores negros(as) entre os 3.670 professores da universidade, cerca de 1,77%. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/01/pioneira-em-cotas-raciais-unb-tem-menos-de-2-de-professores-negros.html>

negação de nossos valores. Creio que seja possível a partir dos relatos biográficos presentes aqui e da reflexão que se deu a partir deles, inspirar outros negros a almejarem a busca por suas respectivas identidades e seus papéis na luta antirracista.

Como pode ser percebido na escrita dos parágrafos anteriores, assim como em outros trabalhos que relacionam negritude, educação e ciência, nesta pesquisa há a escolha de se usar o termo “negros intelectuais” ao invés de “intelectuais negros”. Sendo assim, como bem justifica Evaldo Ribeiro Oliveira (2013), o termo intelectual qualifica o negro e não o contrário. E afirma que “Qualificar, nesse caso, significa apontar características próprias, destacar o que é peculiar, distinguir o que o torna diferente.” (2013, p.16). Para ele, nessa relação de qualificação a partir do termo “intelectual”, o que de fato tem importância é o local de partida, a identidade, como a pessoa se enxerga na sociedade. Nesse caso o “ser negro” é anterior ao “ser intelectual”. A palavra “intelectual” também necessita de ressignificações como aponta Oliveira ao refletir sobre o termo ter sido

[...]construído num contexto, o ocidental, como um construto sociocultural e político arraigado, quase que inquestionável, seja na universidade ou fora dela. Utilizar a palavra intelectual, parece ser, em uma primeira mirada, não questionar os significados marcados por uma visão de mundo eurocentrada, branca, machista e racista. Significados esses que são, em muitas situações, excludentes, pois foram criados em um contexto, o europeu, que se quer como único, como criador de verdades e interpretações exclusivas (OLIVEIRA, 2013, p.16-17)

Entende-se que por muito tempo (e para alguns ainda persiste) esse conhecimento criado pretende centralidade do saber legítimo, da humanidade, do que é considerado avançado, evoluído e correto, invisibilizando e deslegitimando outras formas de se produzir conhecimento. São diversas as palavras, conceitos e categorias criadas nesse contexto da ciência eurocêntrica que se propõe como universal. Oliveira (2013) também exemplifica com a noção de “civilização” e “ser civilizado”, que seria termos de criação europeia para dominar e subjugar outras culturas. Porém, sabe-se que esses mesmos conceitos e categorias podem ter significados e valores opostos em ontologias e epistemologias distintas. Por exemplo, as dicotomias corpo/mente, natureza/cultura, tão estruturantes da ontologia e epistemologia ocidental, não são reconhecidas por outros povos em suas cosmologias. Portanto, a ideia aqui é que tanto a palavra “intelectual”

quanto “negro” tenham esses valores (eurocentrados) subvertidos e por isso valorizados sob outra perspectiva, partindo de referenciais não ocidentais, de pensadores do continente africano, em diáspora e da América Latina.

Apresentada as principais diretrizes da pesquisa, essa monografia organiza-se em três capítulos. No primeiro capítulo - *Caminho teórico e metodológico da pesquisa* – busquei inicialmente discutir minha aproximação com o tema e consequente motivação para a pesquisa, desde minha trajetória pessoal e da experiência da universidade como formadora de meu pensamento crítico com relação a problemática racial e seus respectivos mecanismos de luta contra o racismo. Busquei trazer nuances das relações raciais no Brasil, em Brasília e na UnB com a finalidade de contrapor e dar nova expressão as histórias contadas a respeito da população negra em nosso país.

No segundo capítulo – *Da trajetória pessoal à docência* – o objetivo foi discorrer sobre a construção das identidades dos professores tratando algumas questões desde da infância, como formação educacional, relação familiar, condições de classe, motivações para o caminho acadêmico e situações de discriminação até o momento de tornar-se professor e intelectual.

No capítulo três - *Ser negro e professor universitário* – busquei compreender os processos rotineiros e desafios que esses negros(as) intelectuais enfrentam, refletindo sobre as formas explícitas e implícitas de racismo comentadas por eles, as estratégias para permanência e não abandono dessa desafiadora jornada, como eles se posicionam e percebem-se dentro desse ambiente majoritariamente branco, qual lugar ocupam dentro de seu departamento e suas relações pessoais com colegas de trabalho e as questões burocráticas com a instituição. Também procurei analisar o que eles têm produzido academicamente, se há relação com a temática racial ou não, seus motivos e escolha pela área. Por fim seus posicionamentos frente as ações afirmativas e a percepção de suas consequências para o ambiente universitário.

## **CAPITULO UM - *Caminho teórico e metodológico da pesquisa***

### **Minha trajetória e aproximações com o tema**

Por estar trabalhando com trajetórias de vida e a partir do princípio de identificação e auto declaração, considero interessante iniciar este capítulo me localizando como pesquisador e discorrendo brevemente sobre a minha trajetória, meu percurso identitário e sobre as condições para eu ter chegado onde estou e conseqüentemente escolhido esta temática para a pesquisa. Digo percurso identitário pois como já foi dito na introdução, assumo a noção de identidade como contínua e dinâmica, em constante negociação e distante de uma essência imutável.

Sou de uma família de pais de origem humildes, uma nordestina e outra do sul do país. Todavia, reconheço que desde minha infância nunca passei por muitas dificuldades e tive o privilégio de estar em uma família bem estruturada e com condições financeiras para me proporcionar boa saúde e bons estudos e os agradeço imensamente por isso. Meus primeiros anos de vida foram na região administrativa do Núcleo Bandeirante no Distrito Federal. Me recordo apenas do pequeno apartamento alugado por meus pais nessa região e também da pequena escola particular próxima a nossa residência, onde iniciei meus estudos e minhas primeiras relações sociais e afetivas. Porém, são poucas as lembranças dessa época. Ainda quando criança, assim como é comum em outras histórias de moradores brasilienses e das regiões administrativas do DF, meu pai felizmente conseguiu passar em um concurso público e, portanto, melhorar nossa estabilidade e condição financeira, podendo assim almejar novos planos. Minha mãe felizmente também estava empregada, no serviço privado trabalhando como assistente jurídica. A partir disso, eles deram entrada em um apartamento próprio no setor Sudoeste, bairro que estava em fase de construção e com promessas de ser uma nova área nobre da cidade, localizado no plano piloto de Brasília. Diante desta mudança, foi no fim de minha primeira década de vida e em um local elitizado que comecei a me atentar mais sobre minha cor, sobre as conseqüências dela e de como era um fator diferencial nesse local, entre tantos amigos(as) brancos(as). Não me recordo de ter nenhum amigo negro nesse bairro e de ter sofrido discriminação algumas vezes por parte dos brancos com quem eu me relacionava. Discriminações essas que apareciam na forma de insultos, apelidos e xingamentos referentes a minha cor, sempre no tom de brincadeira, piada e deboche e que também se refletiam em práticas de exclusão e até mesmo de agressão física. Coincidentemente ou

não, apesar de ter morado lá mais da metade da vida, hoje em dia não mantenho nenhuma amizade sincera dessa época, mesmo meus pais ainda morando lá e eu os visitando regularmente.

Outro momento importante de minha infância foi quando decidi, incentivado pelo meu pai, jogar basquete e passei a treinar e integrar um time da cidade. Durante bom tempo de minha vida, ir e voltar de ônibus dos treinos diários fazia parte de minha rotina. Rotina essa acompanhada de boas amizades, e que concederam muitas boas experiências dos meus treze aos dezoito anos. Em todos esses anos percebia que ali, diferente de meu bairro, estavam presentes pessoas de diferentes classes e raças. Por ser um esporte de grande prestígio nos Estados Unidos e de descendência negra, era comum a presença de negros e a valorização da cultura negra norte-americana. Nossos ídolos sempre foram negros. Meus amigos de time com que tive mais afinidade e permanecem amigos hoje, com uma ou outra exceção, são negros. Nosso time costumava viajar para jogar campeonatos nacionais e internacionais, em uma dessas viagens me lembro de outra situação pontual e de discriminação e racismo vivida em que eu me encontrava com mais três amigos negros em um shopping da cidade do campeonato em que ao estar dentro de uma loja de departamento a segurança da loja não deixava de nos acompanhar por todo o espaço da loja. Situação essa comum entre relatos de outros amigos(as) negros(as) e inclusive de alguns professores que entrevistei e comentarei mais à frente.

No decorrer do período escolar tive pouquíssimos amigos negros. Por ter sempre estudado em escola particular, a grande maioria dos alunos e de meus amigos deste ambiente eram brancos. Recordo de ter tido bastantes problemas de auto aceitação e preocupação com minha estética por estar sempre me comparando a esses outros amigos e suas histórias no início da fase de relações amorosas. Apesar de já haver passado por situações de discriminação, não lembro de nessa época do segundo grau escolar, pensar a cor como algo fundamental para essas minhas angústias. Hoje em dia vejo com outro olhar o motivo dessas e outras inseguranças e do sentimento de inadequação.

Contudo, a entrada na universidade pública foi fundamental para a formação da minha consciência racial e reflexão crítica a respeito das principais questões presentes nos debates sobre as relações raciais no Brasil e no mundo. Foi durante o curso de uma disciplina de Métodos em Antropologia Social na minha graduação, onde surgiram debates sobre as questões metodológicas nas ciências sociais, que graças a presença de

outros alunos negros em sala de aula, discutimos questões sobre as contemporaneidades do racismo, que institucionalmente, mantem hierarquizada as principais áreas de prestígio da sociedade, incluindo aí a produção de conhecimento científico. Diante disto, emergiu-se o descontentamento pela nula representatividade desses “subalternos”, que tanto são “objetos” de estudo das ciências sociais e na nossa, até então, ementa do curso.

Assim sendo, felizmente a professora foi bastante flexível e decidiu alterar a ementa original do curso incluindo diversos textos de autores e autoras negros(as) e indígenas produtores de teorias e conhecimento também científico e de grande valor para as metodologias ocidentais, e que na maioria das vezes suas teorias e estudos faziam também papel de denuncia a este racismo, autoritarismo, colonialismo, silenciamento, entre outros conceitos para a sua relação de invisibilidade e subalternidade com a produção branca e eurocêntrica. Desde então estas questões foram as que mais me despertaram (e ainda despertam) interesse para estudos pessoais.

Percebi que após esse contato e consequentes desconstruções do papel da Antropologia (e meu papel como futuro antropólogo), da ciência em geral e de sua função social (também influenciado pela da realização de uma disciplina de Antropologia da Ciência), me vi quase na obrigação de contribuir para os que já iniciaram, por pluralidade e justiça, uma intervenção na produção do conhecimento sobre a população negra e as relações raciais. A partir disto não vejo como não me localizar como negro e tratar a questão racial nos meus estudos como uma questão social e principalmente política, necessária para a luta anti-racista na universidade, ou seja, encarar a raça como umas das principais categorias analíticas antropológicas para meus estudos e olhar sobre o mundo.

Outras disciplinas também foram de grande importância para a minha aproximação com a temática racial. Sendo essas, Pensamento Negro Contemporâneo oferecida pelo Decanato de Extensão (DEX), Cultura Poder e Relações Raciais, oferecida pelo Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares (CEAM) e por fim, Estudos Afro-Brasileiros ofertada pelo Departamento de Antropologia (DAN).

### **Aspectos Teóricos e Metodológicos**

A partir do testemunho de doze docentes negros, procurei construir fundamentos para a compreensão de suas respectivas experiências na trajetória pessoal e no interior de

uma universidade pública brasileira, no caso, exclusivamente a Universidade de Brasília (UnB). A seleção desses sujeitos da pesquisa ocorreu inicialmente através de um levantamento feito por mim, onde fui a secretaria de todos os departamentos do campus Darcy Ribeiro perguntando aos funcionários se ali haviam professores que se auto declaravam negros(as). Também perguntei a vários amigos e colegas que estudam ou já estudaram na UnB, nesse caso abrangendo outros campus, se já tiveram aula ou sabiam de algum professor(a) negro(a) em seus respectivos departamentos.

Considero essa a primeira aproximação com meu “campo”, foi justamente nesse movimento inicial de transitar entre os espaços da universidade na busca desses professores, interlocutores de minha pesquisa, que já se apresentaram aspectos centrais das questões raciais brasileira e que englobam inclusive discussões teóricas significativas como apresentarei a seguir.

As perguntas: “tem algum professor que se identifica como negro nesse departamento? ”, “você já teve aula com algum professor negro? ”, ou “você sabe de algum professor negro no seu departamento? ”, foram dirigidas a diversos funcionários e estudantes, e por mais que aparentem simplicidade e objetividade, me induziram a constantes reflexões e até mesmo a situações constrangedoras e de profundo incômodo. Muito dificilmente a resposta a essas perguntas era direta e confiante por parte de quem as respondia. Pelo contrário, a incerteza se apresentava por meio de declarações como “negro, negro mesmo acho que não”, ou “tal professor é moreno, não sei se se considera negro não”, e até mesmo “no Brasil é tudo misturado, todo mundo é meio negro, né?” ou “até se tomar um solzinho fico moreninha também” seguida de uma risada. De imediato, essas questões exprimem fundamentos do discurso sobre *democracia racial* no Brasil, já amplamente discutida nas ciências humanas e sociais, e me fez pensar a mais recente e mais incipiente discussão sobre *colorismo*<sup>5</sup>.

É inegável que o Brasil sofreu um processo de miscigenação de sua população, processo histórico decorrente da invasão dos povos europeus e o consequente tráfico de

---

<sup>5</sup> O termo colorismo ou pigmentocracia foi desenvolvido pela primeira vez por Alice Walker no ensaio “If the Present Looks Like the Past, What does the Future Look Like?”. Basicamente a ideia por de traz deste novo termo seria que as discriminações dependem também do tom de pele da pessoa, mesmo entre pessoas negras há a existência de tratamentos distintos a depender de quão escura for a pele desta pessoa. Quanto mais claro for o tom de pele, mais aceito e incorporado a lógica branca esta pessoa será, e vice-versa.

milhões de negros africanos arrancados de seu continente e escravizados para a construção das riquezas europeias e da nação brasileira. Porém, esse processo foi encarado por alguns dos principais teóricos brasileiros do século passado, responsáveis pela formação de um pensamento social brasileiro, como algo particular e positivo da sociedade brasileira, responsável por uma suposta harmoniosa convivência entre as mais distintas raças e etnias presentes nesse território.

A partir desta mestiçagem, que ocorre principalmente durante os séculos XIX e XX, principalmente no pós-abolição, a preocupação com o destino dessa população e da formação da sociedade nacional, que se espelhava aos modelos hegemônicos eurocêntricos, e, portanto, branco, aumenta e vira objeto de estudo dos cientistas sociais de maior referência da época. Bernardino (2002) comenta sobre a importância da tão prestigiada obra da primeira metade do século XX *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre como modeladora de uma imagem da sociedade brasileira e de como foi responsável não pela criação, mas sim pela sistematização e *status* científico desta ideia de democracia racial.

Frente a esta realidade de inédita “inclusão” da população negra como cidadãos brasileiros, houve um esforço por parte da burguesia, como muitos pesquisadores das relações raciais brasileira já mostraram, de impedir a influência desse povo na formação da sociedade nação, sendo excluídos das principais áreas de prestígio da sociedade, do mercado de trabalho e até mesmo proibidas as relações inter-raciais. Este movimento pode ser compreendido como uma política ideológica de embranquecimento da nação. Porém, esta política não obteve o sucesso desejado pelas elites brancas e o que era temido aconteceu. As relações inter-raciais aumentaram e conseqüentemente a conjuntura racial brasileira foi se modificando. Entretanto, a pesquisadora Tainan Maria Guimarães Silva e Silva pontua que “A liberdade maior, contudo era concedida aqueles mestiços, descendentes de brancos, os quais alcançavam, gradualmente, status mais privilegiado que os negros ‘puros’.” (2017, p.8).

O maior nível de aceitação da sociedade pela parcela de negros de pele mais clara fez do Brasil um lugar peculiar no que se refere as discriminações raciais, sendo essas se manifestando de múltiplas maneiras. A ideia de *colorismo* surge a partir dessa nova faceta discriminatória de nossa história.



Ao contrário do que possa sugerir, a tendência do colorismo não é a de, por benevolência, inserir os negros de caracteres disfarçáveis em ambientes dominados pela branquitude. Não se trata de acolher pacificamente uma camada mais clara de negros, incentivando uma agregação entre as raças, ainda que de uma parcela. Ao contrário, o colorismo apresenta-se como mais uma faceta de discriminação racial e, ainda que não seja possível mensurar e comparar as discriminações raciais existentes, trata-se de um tipo discriminatório extremamente cruel e violento. Tem o intuito de estabelecer uma desagregação inter-racial, inclusive. (SILVA E SILVA, 2017, p.13)

As duas reflexões recém apresentadas nos permitem pensar com mais profundidade esses primeiros aspectos das relações raciais brasileira que se apresentaram em minha pesquisa refletidas nas afirmações “no brasil todo mundo é negro”, “negro mesmo não” ou “ele é moreno, não sei se reconhece como negro”. A primeira pode-se dizer que seria a dificuldade, sob o disfarce do materializado discurso de democracia racial e mestiçagem, em se reconhecer quem é negro em um país com diversas cores, raças e etnias. A segunda seria a notável minoria de professores negros de pele mais escura e que facilmente são reconhecidos como negros comparados aos negros de pele mais clara, corroborando com a noção de colorismo onde os graus de receptividade e aceitação vão depender da cor da pele, quanto mais “mestiço” mais incorporado ao mundo da branquitude o negro é. Entendo esta última faceta da discriminação pode influenciar em estratégias de sobrevivências para professores negros de pele clara na universidade, não se posicionando como negro para maior acolhimento dentro desse ambiente majoritariamente branco, semelhante a desagregação inter-racial citada pela autora.<sup>6</sup>

Após esse levantamento inicial, mandei e-mail para todos os nomes que consegui explicando brevemente minha pesquisa e propondo um encontro para a realização da entrevista.

As principais preocupações dessas entrevistas são pela reflexão acerca das relações inter-raciais construídas no ambiente universitário, suas participações e engajamentos no que diz respeito a militância negra, a opinião desses professores sobre

---

<sup>6</sup> Sobre esta questão de preconceito de cor ver: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. Revista de antropologia, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004. E ver também: NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo social, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007.

as políticas de ações afirmativas e suas consequências, a importância que dão a presença de negros intelectuais como agentes transformadores das/nas universidades brasileiras e principalmente os processos subjetivos presentes na formação do constituir-se negro intelectual. Formação essa que inclui necessariamente o período anterior à docência, passando por toda a trajetória de vida pessoal de cada professor entrevistado. Considero interessante evidenciar que minha proposta inicial aqui é de descrição e não de explicação do que viria a ser essas experiências subjetivas.

Cabe destacar que o método utilizado foi o de “História Oral”, onde a partir de “relatos de vida” e entrevistas semiestruturadas, busca-se coletar estas trajetórias através de narrativas biográficas articulando as vivências pessoais dos próprios interlocutores, e seus respectivos posicionamentos diante de questões centrais para a minha pesquisa, citadas no parágrafo anterior. As entrevistas se deram sempre a partir de uma questão inicial: *“você poderia resgatar a memória de sua trajetória profissional e pessoal desde a infância até o momento atual?”*

A partir dessa primeira pergunta, em todas as entrevistas, procurei interromper o mínimo possível a construção dessa narrativa e só após a conclusão de cada interlocutor, decidi tirar dúvidas ou trazer novas questões. Essas novas questões referiam-se sempre a temáticas como as discriminações vividas, as motivações para o caminho intelectual, relação com movimento negro, opinião sobre as ações afirmativas, papel do negro intelectual, etc.

É necessário citar a aproximação com a metodologia de duas outras pesquisas, teses de doutorado na área da educação, que também se propuseram a investigar o exercício da docência por parte da população negra e as subjetividades presentes nessa prática. As duas teses são “*Docentes negros na universidade pública brasileira: docência e pesquisa como resistência e luta*” de Mara Fernanda Chiari Pires (2014) e “*Tornar-se negro: trajetórias de vida de professores universitários no Ceará.*” de Maria Auxiliadora de Paula Gonçalves Holanda (2009).

Pires também se utilizou do método de História Oral e comenta que:

Por método de História Oral entendemos a reconstrução, a partir de uma quantidade de informações orais, das experiências de narradores, a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se

deseja completar (Queiroz, 2008,p.42). A partir da história oral é possível o levantamento de vivências registradas na memória individual desses narradores, assim como aspectos da memória do grupo social em que foram socializados” (PIRES, 2014, p.19)

Ela também chama atenção para a técnica de “depoimento oral”, semelhante ao que ocorreu na minha pesquisa e que consiste no registro do exercício narrativo do interlocutor, de passar suas experiências, sem interrupção, sobre determinado tema (2014, p.20). A entrevista com perguntas específicas também é feita posteriormente a esse resgate da história oral e dos relatos de vida. Sobre esta parte, Pires comenta que:

A entrevista aberta, por outro lado, é orientada a partir de um roteiro previamente fixado, que, em geral, visa suprir com informações definidas o conteúdo já obtido pelas técnicas anteriores, na medida em que se buscam pontos comuns aos diferentes processos de coleta, que garantam uma análise destas informações comparativa e analiticamente. (PIRES, 2014, p.20)

Holanda (2009) fala sobre a importância da Escola de Chicago<sup>7</sup> na consolidação do método qualitativo e sobretudo, do uso de História Oral nas ciências sociais. Cita os estudos de Haguette (1987 apud HOLANDA, 2009) que apontam para as duas perspectivas que a história de vida passou a ser enfocada dentro das discussões teóricas, ou como captação de dados ou como perspectiva documental.

Para a autora:

O trabalho de contar nossa própria história é um exercício primeiro de análise, no qual elaboramos um pensamento sobre as experiências vividas dentro de um tempo ou lugar, refletimos sobre as relações sociais que experimentamos ao longo da vida, seja na família, na escola, nos grupos religiosos, com nossos parceiros, e assim – de forma consciente ou não vamos reconstruindo os sentidos de nossas vivências, lançando um olhar distanciado sobre nós mesmos. (HOLANDA, 2009, p.58-59)

Sobre a comparação entre os relatos de vida Holanda (2009) chama atenção para a possibilidade de referir-se a várias questões “dentre as quais é possível evidenciar as relativas à raça/etnia, nível socioeconômico e construção de identidade.” (2009, p.60).

---

<sup>7</sup> É comum na área das ciências sociais, terem correntes, tradições, popularmente intituladas “escolas”. A Escola de Chicago foi uma dessas importantes correntes de produção e divulgação do conhecimento da sociologia norte-americana no início do Século XX no departamento de sociologia da Universidade de Chicago. Sobretudo pelos interesses em temas de pesquisa, novas abordagens teóricas, e técnicas metodológicas que certamente se diferenciavam do que vinha sendo produzido em outros centros e por outros cientistas sociais da época.

Ela também compreende que histórias sociais podem estar diretamente ligadas a histórias individuais desses sujeitos e, portanto, trata os traços identitários dos sujeitos da pesquisa como construções sócio-históricas que se dão através das diversas relações que eles experimentam. (2009, p.61). Dessa forma, diversas são as perguntas: O que é ser negro(a) intelectual nos corredores e nos departamentos da Universidade de Brasília? Qual lugar esse negro(a) tem ocupado dentro de seu departamento e da universidade? Qual papel tem desempenhado? Como foi a decisão e as motivações para trilhar o caminho acadêmico e intelectual? De que forma raça atua e atuou como diferenciador em suas trajetórias? Tem alguma relação com o movimento negro? Os seus respectivos trabalhos têm impacto em alguma estrutura coletiva? Sofreu experiências discriminatórias por conta da cor? Quais os desafios e estratégias de sobrevivência durante essa jornada? Como enxerga as políticas de ação afirmativa na universidade?

### **Desigualdades Raciais e Lutas Antirracistas Brasileiras**

As articulações e associações do povo negro como enfrentamento ao racismo e as desigualdades datam desde o período escravocrata até os dias de hoje e, portanto, são fundamentalmente importantes para entender as lutas e conquistas atuais. Apesar de não pretender me estender muito por não ser o foco do trabalho, me esforço neste capítulo para resgatar nuances das relações raciais no Brasil, em Brasília e na UnB.

As organizações negras se formaram a partir da necessidade de resistir a um sistema racista, discriminatório e excludente, e ganha força principalmente no período pós abolição a fim de adotar estratégias para as novas peculiaridades da dinâmica social da época. Essas associações se formavam fortemente relacionadas com a pauta trabalhadora da classe operária, mas também atuantes em áreas como religião, lazer, esporte e imprensa. Albuquerque (2016) comenta sobre as dificuldades impostas a população negra para inserção no mercado de trabalho nesse período após a abolição e que diante da necessidade de se lidar com esses desafios é que surge a imprensa negra, podendo ser encarada como uma reação, tendo em vista que os maiores veículos midiáticos da época e que tanto se posicionaram na questão abolicionista, negligenciaram os desafios que os negros(as) enfrentavam nesse período.

Com relação ao papel dessas organizações e principalmente da imprensa, Pires (2014) chama atenção para o papel de luta e incentivo a favor da alfabetização e educação

da população negra. E aponta que ao se posicionar denunciando as discriminações, discutindo as questões políticas, econômicas e sociais, a imprensa negra “construiu os alicerces do que, posteriormente, seria o movimento negro unificado.” (2014, p.35).

Como já foi citado anteriormente, a sociedade nacional acreditava em uma suposta democracia racial, que negava a existência do racismo. A articulação dessas organizações negras, muitas vezes reivindicava o papel de destaque na identidade e nacionalidade brasileira à população negra. As elites, em oposição, e assustadas com as possíveis consequências desse movimento, permaneciam não reconhecendo o racismo e suas consequências para o povo negro, e que segundo Albuquerque (2016) essa cômoda negação pode ser encarada como apenas mais uma prática racista.

Albuquerque (2016) também enfatiza que diante desta mobilização das organizações negras e de sua imprensa, funda-se em São Paulo capital, no ano de 1931, a maior referência de organização política nacional entre negros(as), a Frente Nacional Brasileira (FNB). Um dos enfoques iniciais dessa entidade era reivindicar políticas de inclusão garantindo acesso ao mercado de trabalho para a população negra. Pode-se dizer que tinha como objetivo se tornar partido político por acreditar que era justamente através da inclusão de negros(as) no poder que se alteraria a conjuntura política e racial da época.

Ainda segundo a autora, a FNB adotou, estrategicamente ou não, uma postura simpatizante com o governo de Getúlio Vargas por acreditar ideologicamente que seria um Estado forte que garantiria a cidadania do negro brasileiro, algumas medidas inclusivas do governo com relação a oferta de empregos agradaram parte da população negra e, portanto, não podendo considerar a FNB uma organização de oposição ao governo. Porém, muitas medidas governamentais mantinham-se extremamente racistas e caminhavam contra os ideais da militância negra. Apenas em 1936 a FNB consegue, legalmente, virar partido político, porém com duração de apenas um ano, tendo em vista que o golpe do Estado Novo de Vargas no ano seguinte, sob justificativa de uma conspiração comunista no país, acabou com a liberdade política e consequentemente os partidos políticos deixaram de existir.

Outro movimento e instituição de grande importância foi o Teatro Experimental do Negro (TEN) criado por um dos personagens mais significativos da luta do movimento negro brasileiro e internacional, Abdias do Nascimento, em 1945, fim do período

ditatorial de Vargas. A proposta do TEN era de resistir ao racismo e discriminação e valorizar a cultura negra e africana, como a música, as artes cênicas e visuais e principalmente as religiões de matrizes africanas.

Sobre a década que se seguia, Pires pontua:

A partir dos anos de 1950, uma aproximação maior de lideranças negras, intelectuais e pesquisadores trouxe um novo perfil ao movimento negro que, superando regionalismos, tomou um caráter nacional. Manteve-se a denúncia contra a democracia racial, a igualdade de oportunidades. Os grupos negros se mobilizaram fortemente para o direito não apenas à educação, reivindicação comum a todos eles, mas ao ensino em todos os níveis, da alfabetização à universidade. (PIRES, 2014, p.44)

Nos períodos que se sucederam, frente ao regime militar de início em 1964, a questão de cor passou a ser excluída das estatísticas e censos nacionais com fim de mascarar a desigualdade racial no país, mais uma vez tomando como base argumentativa e propagativa o discurso da mestiçagem e de democracia racial já apresentados aqui. Ainda sobre a década de 60, Pires (2014) destaca a aproximação do movimento negro com as proposições políticas dos partidos de “esquerda” onde para além da luta contra discriminação racial também se pretendia transformações sociais. Ela também comenta como essa aproximação expande as fronteiras do movimento negro, dialogando com debates e propostas de grupos negros de outros países, principalmente Estados Unidos e países do continente africano, contribuindo para o surgimento de um pensamento negro contemporâneo se amplificando.

Diante deste cenário, e a fim, mais uma vez, de contestar o discurso predominante do pensamento social brasileiro de democracia racial, surge, em 1978, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial que futuramente viria a ser chamado apenas de Movimento Negro Unificado (MNU) e que permanece com este título até os dias atuais. Pires salienta que o MNU se propunha “a luta contínua contra o racismo, toda forma de discriminação e uma melhor qualidade de vida, com melhor assistência à saúde, à educação e à habitação.” (2014, p.46) e também chama atenção para a reivindicação de valorização da contribuição negra para a história brasileira. Também pode ser creditado ao MNU a contribuição nas organizações militantes a partir da década de 80, como aponta Albuquerque (2016). Durante esta década inúmeras organizações de militância negra foram criadas em território nacional e em virtude da pressão dessas articulações aos

partidos políticos, medidas antirracistas foram incorporadas a seus programas governamentais.

Resumidamente, Albuquerque atenta que o movimento negro:

[...] promoveu mudanças importantes na mentalidade dos brasileiros, sobretudo dos negros. Uma das grandes conquistas do movimento negro foi conscientizar uma grande parte da sociedade brasileira em relação à questão racial e convencer o governo a abandonar sua passividade conivente diante das desigualdades raciais. (ALBUQUERQUE, 2016, p.291)

A década de 80 se torna relevante para o movimento negro quando se reflete as discussões relacionadas ao centenário da abolição em 13 de maio 1988, onde se intensificou o debate sobre identidade racial e é questionada a versão desse marco divulgada pelo Estado brasileiro. “Com o objetivo de resgatar o espírito de luta e enaltecer a resistência, as organizações negras passaram a rejeitar o 13 de Maio.” (2016, p. 295-296). A partir desse movimento crítico, estipula-se o dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, como Dia Nacional da Consciência Negra.

As estratégias do movimento negro consistiam em “enaltecer a cultura negra, definida como a continuidade de tradições africanas e símbolo da resistência, além de denunciar a desigualdade social e econômica” (2016, p.296). Tal estratégia gerou consequências no nível político, com maior presença de negros neste ambiente, fazendo com que a partir da constituição de 88 a prática de racismo se configurasse como crime inafiançável e repercutindo em leis enfocadas na questão racial.

A década de 90 tem como grande marco a Marcha de Zumbi dos Palmares em Brasília no dia 20 de novembro de 1995. Sobre a marcha, Pires comenta que:

Na ocasião foi entregue ao então presidente Fernando Henrique Cardoso o documento Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial, com propostas de combate ao racismo que incluíam políticas públicas universais e políticas específicas para a população negra, incluindo ações afirmativas que garantissem o acesso aos jovens negros aos cursos profissionalizantes, à universidade e às áreas de tecnologia de ponta. (PIRES, 2014, p.49)

Entretanto, a autora reconhece que foi apenas no início do século atual, que as questões sobre as relações raciais, desigualdades e discriminações, entraram na pauta nacional da política brasileira. Ela credita esse fato a importante Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada em Durban, África do Sul no ano de 2001. Foi durante esta conferência que o governo assumiu a responsabilidade de se implementar cotas raciais. Em 2003, é aprovado o projeto de lei que faz entrar em vigor a lei 10639/2003 estabelecendo a obrigatoriedade de inclusão, no currículo oficial da Rede de Ensino, do estudo da “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Portanto, deve-se reconhecer nestas conquistas, o papel fundamental de luta e resistência do movimento negro ao longo de todas essas décadas. Pires (2014) relembra sobre como a formação de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABS) e ONGs é anterior e foram essas articulações responsáveis por todas essas conquistas políticas, trabalhando “na preparação de professores comprometidos e na orientação de pesquisas sobre a história e cultura negra” (2014, p.53).

### **Ações Afirmativas**

Diante desse reconhecimento da discriminação racial sofrida pelo povo negro por parte do Estado brasileiro, fruto da pressão dos movimentos negros em sua luta histórica citada anteriormente, uma conquista histórica de grande importância para a população negra e para a elaboração dessa pesquisa são as ações afirmativas. O conceito de ações afirmativas é de origem estadunidense, fruto de uma luta por direitos civis a fim de garantir igualdade de oportunidades a todos os cidadãos. O movimento negro norte-americano cobra a postura do Estado em adotar medidas específicas para melhora da condição do negro e pelo fim da discriminação por raça, cor, etnia, etc. É desse contexto que o termo foi cunhado e posteriormente importado ao Brasil. As ações afirmativas, também chamadas de discriminações positivas, também foram discutidas e implementadas em muitos outros países como, Índia, Nigéria, Canadá, África do Sul, Malásia, para citar apenas alguns. Carvalho (2016) define ações afirmativas, em geral, como um termo para qualificar as políticas de inclusão, onde as cotas podem ser vistas como uma das diversas medidas de ação afirmativa.



Moehlecke (2002) ao analisar os debates sobre ação afirmativa no contexto brasileiro define que as cotas são a práticas de ação afirmativa mais conhecidas e:

[...]consiste em estabelecer um determinado número ou percentual a ser ocupado em área específica por grupo(s) definido(s), o que pode ocorrer de maneira proporcional ou não, e de forma mais ou menos flexível. Existem ainda as taxas e metas, que seriam basicamente um parâmetro estabelecido para a mensuração de progressos obtidos em relação aos objetivos propostos, e os cronogramas, como etapas a serem observadas em um planejamento a médio prazo. (MOEHLECKE, 2002, p. 199)

Sobre cotas, Kabengele Munanga afirma:

Numa sociedade racista, onde os comportamentos racistas difundidos no tecido social e na cultura escapam do controle social, a cota obrigatória se confirma, pela experiência vivida pelos países que a praticaram, como uma garantia de acesso, e de permanência neles, aos espaços e setores da sociedade até hoje majoritariamente reservados à “casta” branca da sociedade. O uso desse instrumento seria transitório, esperando o processo de amadurecimento da sociedade global na construção de sua democracia e plena cidadania. Paralelamente às cotas, outros caminhos a curto, médio e longo prazos projetados em metas poderiam ser inventados e incrementados. (MUNANGA, 2001, p. 34)

Apesar de as reivindicações para uma intervenção estatal, com finalidades reparadoras na luta pelo fim da injustiça social contra os negros, datarem desde a primeira metade do século XX com a FNB e do TEN, pretendo analisar a importância da discussão sobre o tema a partir da trajetória argumentativa iniciada com a já citada marcha Zumbi dos Palmares, em 1995.

Como consequência da marcha, no ano seguinte, 1996, ocorre também em Brasília, na UnB, o Seminário de Ações Afirmativas com a presença do Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, e diversos intelectuais com o objetivo de se fomentar as discussões sobre a temática em questão. Durante este seminário foi-se discutido as peculiaridades do preconceito e das desigualdades raciais brasileira em comparação com outros países que também optaram por políticas de ação afirmativa como Estados Unidos e África do Sul.

Em 2001, durante a Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata em Durban, questões semelhantes foram discutidas. Mais uma vez, predomina-se a análise da desigualdade racial com o viés econômico e a partir das noções de mestiçagem, dessa vez incluindo o viés geneticista, defendendo a presença de três raças no genoma dos brasileiros: negra, branca e indígena. Porém, pode-se considerar este evento como um consolidador da questão racial e das medidas compensatórias na agenda política nacional.

Entretanto, Carvalho (2005) comenta sobre a discussão e proposta de cotas na UnB ser anterior a Conferência de Durban e datar do ano de 1999, consequência de um incomodo e marcante caso de tensão racial na UnB, se trata do “Caso Ari”. Pode-se entender que esse caso foi estimulante para os debates também em outras universidades públicas.

A apresentação de uma proposta de cotas para negros na UnB em 1999 foi uma resposta política que Rita Segato e eu demos a um caso de conflito racial ocorrido no Departamento de Antropologia da UnB, conhecido já nacionalmente como “Caso Ari”, que diz respeito a Arivaldo Lima Alves, o primeiro aluno negro a entrar no nosso doutorado após 20 anos de existência do programa. Logo no primeiro semestre do curso foi reprovado em uma matéria obrigatória em circunstâncias inaceitáveis e a reprovação colocou-o na iminência de perder imediatamente o curso de doutorado. Arivaldo Alves lutou mais de dois anos por uma revisão justa de sua nota. E após um processo de extremo desgaste (dele e também nosso: Rita Segato era coordenadora da Pós-Graduação e foi demitida sumariamente do cargo ao posicionar-se do lado de Arivaldo Alves; eu era seu orientador e sofri hostilidade por defendê-lo diante da maioria esmagadora dos colegas) conseguiu levar o seu caso até o Cepe da UnB, que reconheceu a injustiça cometida e forçou o Departamento de Antropologia a mudar a sua nota e aprová-lo na disciplina, o que lhe permitiu permanecer no programa e terminar o doutorado. (CARVALHO, 2005, p. 239-240)

A implementação das cotas no ensino superior tem início no ano de 2002, com as seguintes universidades: Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual do Norte do Pará (UEPN), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). (2016, p.56). Como já foi dito, a UnB foi a

primeira universidade federal a implementar a política de cotas para alunos negros na graduação, dois anos após as primeiras universidades estaduais aplicarem. Julgo importante lembrar que as políticas de ação afirmativa não devem se restringir ao ingresso, e sim também medidas de incentivo e apoio a permanência dos alunos no ambiente universitário<sup>8</sup>.

Diante desse quadro pode-se notar, quase vinte anos após a aplicação dessas medidas, que muita coisa se modificou dentro das universidades brasileiras. O perfil do estudante tem se diversificado, novos cursos e bibliografias estão sendo discutidas, professores vem se solidarizando com a causa antirracista, porém ainda se percebe resquícios de todos os obstáculos apresentados aqui (mestiçagem, democracia racial, etc) e que caminham para os entraves e tensões desse tema ainda hoje<sup>9</sup>. Portanto, apesar de todas essas conquistas, ainda são muitos os desafios presentes diante da questão racial no país e na universidade e debater isso permanece atual e relevante. Frente a isso, busco refletir quais são os papéis assumidos pelos negros intelectuais que dão continuidade a essa incessante luta do povo negro por justiça, visibilidade e representatividade nas áreas de prestígio da sociedade, incluindo aí a presença nas universidades, seja como discente em graduação e pós-graduações, como docentes nas mais diversas áreas e em cargos institucionais relativos a atuação nas questões universitárias.

---

<sup>8</sup> Ver GOMES, N.L., A Universidade Pública como Direito dos(as) Jovens Negros(as):a experiência do Programa Ações Afirmativas na UFMG, in SANTOS, S. A. (org) Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas, Brasília, Ministério da Educação, 2007.

<sup>9</sup> Ver o caso da UFRJ em: GOLDMAN, Marcio; BANAGGIA, Gabriel. A política da má vontade na implantação das cotas étnico-raciais. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 16-34, may 2017. ISSN 1678-9857. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/132062/128281>>. Acesso em: 26 July 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.132062>.

## **CAPÍTULO DOIS - Da trajetória pessoal à docência**

Como foi dito na parte introdutória, este capítulo dedica-se a comentar os processos de construção das identidades desses intelectuais, partindo desde o período da infância até alcançar a posição de professor em uma universidade, passando por suas experiências de formação educacional básica e superior, relações familiares, condições financeiras, inspirações para o caminho acadêmico, situações discriminatórias, entre outras categorias e especificidades de cada colaborador desta pesquisa.

### **Família e o pertencimento racial na infância**

O pertencimento racial é percebido sob diferentes faces e em diferentes épocas de acordo com a trajetória de cada intelectual, alguns já tem esse sentimento desde muito novos, outros foram construindo durante sua formação, em contato com vivências discriminatórias, discutindo a temática racial, e alguns, acredito que negam, ou para citar Fanon (2008, p.120), tem esse pertencimento racial arrancados durante toda a vida. Apesar de não ser uma regra, pode-se entender a família como uma das matrizes na construção identitária desses sujeitos. Chamo atenção para a fala de alguns dos entrevistados que desde criança, já tinham consciência e sentiam o marcador social da raça em suas vidas. A professora da Faculdade de Educação (FE) Rita Silvana Santana dos Santos conta sobre a contribuição de sua família para esse pertencimento.

*Eu sou filha de pais negros, que sempre se reconheceram como negros, e sempre ensinaram a gente que nós éramos negros. Independente da roupa, independente do cabelo, independente do dinheiro. Então essa questão da identidade negra pra mim sempre foi muito presente na minha formação, nunca tive dúvidas em relação a questão de ser ou não ser negra. Até brinco assim, isso nunca nem me foi permitido. (Grifos meus).*

O professor do Departamento de Sociologia (SOL) Emerson Ferreira Rocha iniciou o resgate de sua trajetória falando sobre sua família ser multirracial e de isso ter importância na percepção de sua cor.

*Então é uma família multirracial, e dentro da própria família e da vizinhança você já começa, talvez fosse momentos, em que*

*percebia o marcador social fazendo diferença em termos de reconhecimento, de tratamento, distribuição dos afetos, você via eventualmente ali o marcador da raça influenciando nos afetos, no reconhecimento, enfim.*

Ele também relembra que não apenas dentro da família, mas também no convívio social entre amigos no bairro onde morava, já apareciam nuances de que o fato dele ser negro trazia diferenciações desde muito cedo.

*Mas enfim, era uma vizinhança ali que a gente brincava bastante, bicicleta, bola, pique na praça, enfim. E eventualmente visitávamos casas de um e do outro, e tinha essa família que não chamavam, nunca iam eu e outro menino. Eventualmente éramos os negros daquela turminha, né. Então uma situação bem clara de discriminação. E naquela idade, isso aí eu devia ter o quê, uns oito anos, essa fase de vida, e já me era muito claro, isso era muito perceptível. Era bem claro sim. (Grifo meu).*

Portanto, as falas dos docentes revelam que durante a infância e dentro do ambiente familiar, suas respectivas identidades podem ser ora construídas positivamente, afirmando-a desde muito cedo sob influência dos pais, e em outros momentos, mesmo muito novos e dentro do próprio meio familiar, já seriam construídas a partir dos estigmas raciais presentes no imaginário social da nossa sociedade.

### **Superação e ascensão social através do estudo**

Durante a elaboração do projeto dessa pesquisa, inspirado por considerações da intelectual Bell Hooks (1995), eu supunha que um dos principais fatores para a escolha de muitos professores(as) negros(as) para se trilhar uma carreira acadêmica seria a possibilidade de por meio dela, encontrar a superação das barreiras sociais, sejam essa tanto raça quanto classe. Essa hipótese, como já dito, foi confirmada a partir da fala de alguns entrevistados, porém, não creio que seja necessário apresentar todas as falas pois se tornaria algo repetitivo, portanto, citarei a seguir apenas as que considero mais importante para o desenvolvimento do argumento.

Ao resgatar a memória de sua trajetória e formação, a professora Rita, relembra e credita a importância de sua mãe ter sido professora e sempre ter incentivado o estudo dela e seus três irmãos como pode ser visto na seguinte declaração:

*A gente sempre se envolveu muito com a questão da escola. E acho que essa influência tem muito a ver com minha mãe ser professora. Então ela sempre ensinou a gente buscar informações, a gente sempre teve várias fontes de informações em casa, dentro do que era possível.*

E também reflete sobre essa insistência, por parte de seus pais, de que a educação seria fundamental na garantia de um futuro melhor e distante dos problemas sociais.

*Então a educação sempre foi vista como um dos caminhos para a superação do racismo, e para a superação da pobreza e das dificuldades sociais. Então aquela lógica de que como vocês são filhos de pobres, como vocês são negros, vocês só vão superar a partir da educação. Isso era ponto básico lá em casa. E algo que sempre foi muito forte que a gente não estuda para outro, a gente estuda para a gente. (Grifo meu).*

O professor da Faculdade de Engenharia (FGA), campus do Gama, Luís Filomeno de Jesus Fernandes, nascido em Angola, também se posiciona salientando o papel transformador dos estudos na vida das pessoas, tendo sua trajetória como referência e afirma que faz questão de falar sobre isso com seus alunos, sobretudo, encarando-o como algo que possibilita requerer espaços diferenciados dos que estão inseridos originalmente.

*Porque eu sempre falo pros meus estudantes: vocês são de origem pobre? Ser pobre é condição circunstancial não existencial. Hoje você tá pobre, se você levar esse curso a sério você pode ser um dos melhores técnicos que existirem aqui. Você pode garantir o futuro da sua família. Ou seja, você pode mudar a situação circunstancial que tá hoje pra uma situação circunstancial bem mais vantajosa em relação a atual. Agora o que vos passam é que a condição social é existencial. O que é mentira. Você não vai*

*existir o resto da vida sendo pobre, periférico, num sei o quê. Se você estudar você chega lá. (Grifo meu).*

O professor do Departamento de Antropologia (DAN), Carlos Alexandre Barboza Plinio dos Santos, também recorda de situações semelhantes em virtude de suas circunstâncias materiais, comentando sobre a importância por parte de seu pai nesse incentivo.

*Mas uma coisa que ele sempre falou foi isso que eu te falei, estudar, sempre estudar, porque é só assim que a gente pode ter alguma coisa e melhorar de vida.*

E apresenta essa questão falando sobre a trajetória de seu pai e o consequente sucesso em sua vida, fruto do estudo e de sua formação acadêmica.

*Na época, na década de 70, ele via, mais não muito a questão da cor, mas sim de possibilidades de ter aquilo via o trabalho e via principalmente, do estudo. Então esse negócio de estudar já vem dele. Ele conseguiu mudar a situação dele estudando.*

Vale ressaltar que esse “aquilo” que o professor Carlos Alexandre comenta, seria um suposto prestígio social e enfrentamento das dificuldades sociais. E que para ele, a melhora das condições financeiras, através do trabalho, seria suficiente para essa superação.

Por mais que à primeira vista, esse discurso soe meritocrático, não se pode negligenciar que o esforço demorado, como veremos mais a frente, e a persistência<sup>10</sup>, foram fatores fundamentais para a mudança na “situação circunstancial” desses professores, sobretudo se analisarmos a ascensão de classe. Porém, como também discutirei adiante, ascender socialmente em termos financeiros não significa alcançar essa

---

<sup>10</sup> Basta consultar a última edição do estudo *Retratos da Desigualdade*, lançado pelo IPEA, para perceber que a média de anos de estudo entre brancos e negros no Brasil, apesar da lenta melhora, tem sido consideravelmente dispare nas últimas décadas, tendo consequências como a desistência escolar maior por parte da população negra, acarretando menores salários dentro do mercado de trabalho e, portanto, consequentemente, maiores chances de viver na pobreza.

suposta superação do racismo. Por mais que a condição financeira se altere, o fator racial e a discriminação ainda se fazem presentes nas vidas desses intelectuais.

### **A migração na busca de melhores condições de vida e estudo**

O professor entrevistado, Abimael de Jesus Barros Costa, pertence ao quadro de docentes do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais (CCA) e discorreu sobre sua trajetória com quase nenhuma interrupção de minha parte, ele iniciou sua história falando sobre sua família e seu nascimento no Maranhão e logo em seguida comentou sobre a migração de sua cidade natal e seus motivos.

*Com uns três anos de idade, eu me recordo que minha mãe, ela decidiu sair de São Luís pra melhorar de vida, e veio pra Brasília. Ela veio sozinha, eu tinha mais ou menos de três pra quatro anos de idade. E ela veio pra cá, conseguiu trabalhar, em vários locais, como empregada doméstica, em creche, porque minha tia já estava aqui. E depois de dois anos ela retornou a São Luís e trouxe eu e meu irmão que ficamos lá, pra Brasília. Que na realidade é uma história parecida e comum de muitas mães do Nordeste que fizeram quase isso e até hoje fazem, mas naquela época bem mais, ne? Vinham pra tentar melhorar de vida e voltavam pra buscar os filhos. No meu caso eu estou inserido nesse contexto. (Grifos meus).*

O professor Carlos Alexandre relata situação semelhante à descrita anteriormente, porém fazendo novamente referência a seu pai. Segue sua declaração na íntegra:

*Bom, eu acredito que como ponto de início pra questão racial dentro da família, teria que começar com meu pai, então meu pai faleceu tem uns sete anos, ele era negro, e ele saiu, ele era de Salvador, a região do recôncavo baiano, então saiu da Bahia porque um irmão dele já tinha saído também, indo pro Rio de Janeiro atrás de trabalho, aí o irmão dele tinha conseguido emprego na cidade do Rio e depois o chamou. E lá no recôncavo baiano, na cidade dele, o emprego era muito pouco, era escasso, e*



*o acesso do negro ao ensino na época também, isso nós estamos falando da década de 30, 40. O mercado de trabalho era quase nenhum, ainda mais vindo da roça. Ou você trabalhava na roça ou em serviços que não tinham qualificação. O acesso à educação era muito difícil né, tinha que ir pra cidade grande, salvador né? Aí ele pegou um barco e foi pro Rio de Janeiro e começou a trabalhar e a estudar. E quase seguindo os passos do meu tio que também começou a trabalhar e estudar, e esse meu tio se formou em direito pela Universidade do Brasil na época, depois a Universidade do Brasil se tornou a Universidade Federal Fluminense, e depois meu pai também foi fazer direito na mesma universidade. (Grifos meus).*

Com relação a necessidade de se dar continuidade aos estudos, o professor do Instituto de Psicologia (IP), Domingos Sávio Coelho, também resgata a memória de ter tido necessidade se deslocado com frequência, e não apenas para ele mas para também seus irmãos poderem estudar.

*Eu estudei na universidade porque meu irmão conseguiu fazer escola técnica em ouro preto, que era perto de casa, mas aí a gente mudava, né? A gente morava lá. A gente mudou muito por causa do estudo mesmo, né? Meu irmão conseguiu fazer engenharia lá em ouro preto, meu outro irmão foi pra São Paulo. Mas aí os outros irmãos ajudavam, né? (Grifos meus).*

### **A escola: primeiras discriminações, a falta de colegas negros(as), o estigma de “ser duas vezes melhor” e novo espaço para construção de identidade**

Compreendo diante da narrativa discursiva dos entrevistados que, geralmente, após um primeiro contato em contexto familiar, a escola se torna um dos primeiros e principais locais responsáveis pela percepção da questão racial atuando como um marcador social de grande influência na recepção e acolhimento dessas pessoas, sendo responsável pelos primeiros desafios circunstanciais de sua condição racial e, portanto, significativa na formação de suas respectivas identidades. Alguns professores relataram que, mesmo não tendo tantas memórias de seus primeiros passos na trajetória

educacional, já percebiam nesse ambiente, durante sua infância e adolescência, de maneira velada, ou não, aspectos de diferenciação, com relação aos outros alunos e colegas em sala de aula.

No processo de socialização extra familiar, o negro precisa lutar contra os estereótipos que produzem sentido a partir de práticas discursivas circulantes em várias esferas sociais com o propósito de induzi-los a sentirem-se inferiores, negarem seu pertencimento, como também constroem para si uma baixa estima. (2010, p.143)

Professor Abimael narra uma experiência marcante em seus primeiros anos de ensino básico, consequência de uma escolha de sua mãe, que nesse caso, mesmo depois de tantos anos, ainda se faz muito presente e sentido em seu imaginário e que julgo então poder ser interpretada como algo inesquecível e traumático em sua trajetória e formação identitária.

*Até numa época, foi na terceira série, pra que a gente pudesse ficar mais próximo dela. Porque a gente ficava muito sozinho em casa. Ela decidiu transferir a gente pra escola no plano piloto, foi a pior tragédia do mundo. Porque bullying, a gente era os únicos favelados da escola, que não tinha sapato, não tinha roupa, não tinha material, não tinha nada, os professores me discriminavam, foi a pior época da minha vida. Por social, por cor, por tudo. Eu era um dos únicos negros da escola. E minha mãe não sabe dessa coisa, do que eu vou relatar, são coisas minhas, do meu passado, mas por conta disso eu não ia pra escola, eu ia junto com meu irmão mas a gente não ia, ficava o dia inteiro brincando na asa sul, a gente estudava na 111 sul, brincando, e não ia pra escola. Até reprovar e tudo, e aí no final do ano os professores, tem aquela questão de nota, e tinha na época assim, quem não conseguia passar no final do ano podia fazer como se fosse recuperação em janeiro e fevereiro, aí eu falei pra minha mãe que não, não ia e que eu nunca mais eu ia pisar naquela escola. Que eu queria voltar pra aquela escola de onde eu vim. Que era no P sul, na Ceilândia. Foi*

*a única reprovação que eu tive durante toda a minha trajetória de educação básica, foi esse contexto. (Grifos meus).*

Ao ser questionada sobre suas vivências no contexto do ensino básico, a professora Rita se recorda e comenta sobre aspectos discriminatórios vivenciados por ela e seus irmãos nesse período, porém ressaltando a forma subentendida como esses aspectos se apresentavam e eram percebidos por eles, muitas vezes nas questões estéticas e de representatividade.

*Então assim, eu não tenho memórias tão explícitas. Nós sempre tínhamos que andar impecáveis na escola, impecáveis! Tinha que ser duas vezes melhor na escola. Então a gente era conhecido como os filhos educados, ser educados era surpreendente, ser negro educado era surpreendente. Então tinham situações. (Grifos meus).*

Ela também traz uma questão que irei desenvolver com mais profundidade no próximo capítulo, porém com enfoque dentro da universidade, que seria a ideia de uma interiorização de uma lógica branca, como mecanismo de defesa e estratégia para lidar com esse tipo de realidade preconceituosa. Mais uma vez buscando acessar as memórias de discriminações na escola e lembrando a postura estratégica de seu pai, Rita discorre:

*Eu não tenho memória de situações tão agressivas de racismo na escola. Eu acho que porquê de uma certa forma também, minha mãe não tinha essa postura, mas meu pai tinha uma postura de tentar deixar a gente mais próximo possível da logica branca, pra sofrer menos discriminação. (Grifos meus).*

E conclui:

*Então diretamente na escola não tenho tanta memória assim, a não ser essas situações de desfiles, de festas, quem eram escolhidos como a referência de beleza, isso a gente nunca foi escolhido. Fora isso eu não tenho muita memória não.*

Outra intelectual e professora já aposentada da Faculdade de Educação, Marly de Jesus Oliveira, relembra de suas primeiras experiências de discriminação também no ensino infantil, a partir de suas relações inter-raciais e curiosamente, como consequência de ela se destacar positivamente na disciplina de matemática. Ela narra:

*Eu era a melhor aluna de matemática da minha turma, e tenho até historinhas assim, da coleguinha me convidar pra casa dela e a mãe olhar “Você que é Marly? ”, assustada por eu ser uma menina negra. “Como assim uma menina negra é a melhor em matemática? Você que rouba o lugar da minha filha em matemática? ”*

E continua refletindo a respeito de como se sentia desajustada e não pertencente a aquele ambiente, durante esse período da vida:

*Você começa a entender que é pela cor da sua pele... de repente você entende, quando alguém é mais explícito, né. Mas eu não entendia. Eu hoje, depois de ter analisado... Os primeiros textos que eu escrevia, no comecinho da universidade, eu chamava de “deslocamento”. Eu tinha uma sensação de estar fora do lugar, aquele lugar não era meu. Tanto naquele colégio, aquela turminha de meninas de classe média, brancas. Amizade da filha do prefeito que estudava no mesmo colégio. Esse lugar. E de ser boa em matemática. (Grifo meu)*

Outros dois professores que deram declarações parecidas e que se enquadram nesse mesmo aspecto e que ainda não foram apresentados no trabalho são Joaze Bernardino Costa, do Departamento de Sociologia (SOL) e Bruno<sup>11</sup>, Ciências Exatas.

Professor Joaze diante da questão sobre a lembrança de discriminações no período escolar explica:

*Não, não tenho. Na infância não tenho, acho que isso se deu, algo muito velado, subliminar, assim, quando eu fiz o terceiro ano justamente aqui no plano piloto. Por acaso tínhamos duas pessoas negras, eu e outra pessoa que era o filho da diretora. (Grifos meus).*

Em uma fase já de adolescência, o professor Bruno também reflete sobre ser a única pessoa negra na escola e expõe uma situação de profunda discriminação vivida em ambiente escolar.

*Fui estudar no Bernoulli, cara eu nunca senti tanto preconceito na minha vida. Eu não consegui ficar dois meses nessa escola por preconceito. A professora tinha preconceito, os alunos tinham preconceito, obviamente eu era o único negro da escola, não era da sala. E olha que eu tava velho já, devia ter o que? 18 anos. Nunca sofri tanto preconceito, a professora me maltratava, os alunos me maltratavam, não conseguia conversar com ninguém, não conseguia ter nenhuma relação social. Aí eu fui e larguei, acho que foi a melhor coisa que eu fiz da minha vida. Saí de lá e dei seguimento aos meus estudos. (Grifos meus).*

Sabe-se que o ensino básico público no Brasil deixa muito a desejar, principalmente se comparado ao ensino e estrutura das instituições privadas, e sofre bastante com questões de infraestrutura, contingente de professores e funcionários, materiais didáticos, entre outras deficiências. Alguns professores chamaram atenção para essas limitações como justificativa para um esforço demasiado durante seu período

---

<sup>11</sup> Nome fictício em respeito ao desejo do professor em não se identificar.

escolar gerando uma excessiva auto cobrança trazendo consequências psicológicas que perduram até hoje. A professora Rita desenvolve melhor essa ideia na seguinte narrativa:

*E nós estudamos a maior parte do tempo, quase toda minha formação, desde a terceira série, em instituição pública, porque meus pais não tinham dinheiro para pagar a instituição privada. E por um lado isso foi bom, porque minha mãe dizia, que a instituição pública, apesar de ela ser professora de escola pública e sempre defender a escola pública, ela mostrava pra gente as deficiências de uma escola pública. Então ela dizia olha: um 7 na escola pública não pode ser referência para vocês. Então sempre teve também uma cobrança muito grande em relação a gente, que eu acho que inclusive hoje os quatro tem um nível de auto exigência muito intenso. E isso de uma certa forma pesa. Tanto por uma questão do racismo, por uma questão da pobreza junto também. (Grifo meu).*

Entre outras falas semelhantes, destaco a do professor Carlos Alexandre sobre seus desafios em conciliar estudo e trabalho e de sua percepção sobre as limitações em sua formação no ensino básico.

*Pra mim deixou a desejar a formação que eu tive no segundo grau, principalmente porque como eu tinha que trabalhar durante o dia, eu estudava a noite. Isso foi no primeiro, no segundo e no terceiro grau. E a noite o ensino, se de manhã é ruim, a noite é muito ruim. (Grifos meus).*

### **Estratégia de investimento: escola particular no último ano ou cursinho preparatório**

Diante das dificuldades e limitações da formação em escola pública, alguns professores relatam que seus pais não pouparam esforços em adotar uma estratégia comum como tentativa de viabilização da entrada no ensino superior. Buscar alternativas, geralmente em instituições privadas, para a somar na formação básica de seus filhos. Essa tática de algumas famílias pode ser claramente percebida no relato do professor Emerson.

*Meu pai com dificuldade, conseguiu pagar dois meses de um cursinho preparatório, no fundo é uma revisão, o desenho do curso era uma revisão, o que no meu caso tive que aprender muita coisa ali porque embora tendo sido bom aluno, as notas sempre muito boas, mas o que a escola oferecia lá no nosso fraco era relativamente fraco, né? Assim, os conteúdos, se comparar, pra competir nesse tipo de situação. Então esses dois meses de cursinho foram muito importantes, então estudei muito, talvez seja um dos períodos que mais estudei. (Grifos meus).*

Joaze também comenta a semelhante estratégia de sua família ao colocá-lo em uma escola privada no último ano do seu ensino médio, chamando atenção para o que eu, assim como ele, considero ser uma deficiência da atual política de cotas<sup>12</sup>.

*Escola primária totalmente em escola pública, aí como uma estratégia das famílias pouco abastadas né, eu fiz o primeiro e segundo ano de colégio público e o terceiro eu fiz no colégio particular, que é justamente aquela coisa de se preparar pro vestibular. Então foi o único momento. Pela atual regra da política de cotas eu tava lascado, né? Porque não fiz inteiramente escola pública, não porque sobrava dinheiro lá em casa, mas uma estratégia de investimento, né? (Grifos meus).*

O professor do Departamento de Biologia, Bergmann Morais Ribeiro também recorda desse movimento para viabilizar sua entrada na universidade.

*Mas assim, pra eu conseguir passar no vestibular em 80, falei: “eu não posso só estudar no EIT<sup>13</sup>”, então minha mãe fez “tripascoração” pra me pagar um ano no objetivo, na época era colégio de rico, né? Aí fiz o terceiro ano no objetivo, estudando todo dia pra passar no vestibular. Fiz o vestibular do fim do ano e não*

---

<sup>12</sup> Na atual política de cotas sociais o aluno deve ter cursado os três anos em escola pública, não podendo optar por a estratégia dessas famílias citadas.

<sup>13</sup> Nome popular para o Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga.

*passsei. Aí fiz no meio do ano e consegui passar pra biologia aqui na UnB.*

### **Adultização precoce**

Diante das adversidades relatadas pelos interlocutores de minha pesquisa durante sua infância, percebo um processo de maturidade precoce, onde, ainda quando crianças, alguns desses intelectuais foram forçados a ter posturas que não são comumente entendidas em nossa sociedade como dever de uma criança. Essas posturas seriam ajudar financeiramente seus pais, ajudar na criação e cuidado de irmãos, ajudar no cuidado com a casa, ficarem longos períodos sem nenhum adulto de referência por perto, entre outras particularidades como citarei a seguir a partir de seus relatos.

Abimael narra:

*Já tinha ficado três anos sem a minha mãe, e agora rompi com todos os meus laços de amizade de um menino de sete anos de idade. E chego em Brasília sem contexto, sem saber o que eu iria enfrentar, mas já com sete anos eu já comecei a enfrentar a seguinte coisa: teria que dar todo o suporte pra minha mãe porque ela trabalhava o dia inteiro, e eu era o filho mais velho com sete anos de idade tinha que cuidar dos outros dois. Então mesmo inserido num contexto de ter que ir pra escola, mesmo inserido num contexto de ter que cuidar, alimentação, tudo. Então com sete anos de idade eu tive que passar por essa transformação. (Grifos meus).*

Um pouco mais velho, mas ainda sem entrar na fase adulta, ele descreve sua preocupação e necessidade em ajudar financeiramente dentro de casa e que foi por essa necessidade que acabou decidindo pela área que atua até hoje.

*Mas depois eu fui entendendo que eu precisava ajudar financeiramente dentro de casa, e que na minha cabeça o curso técnico em contabilidade seria a saída pra isso. E sim, fui lá e fiz, escolhi.*



Outro relato que considero contribuir para reafirmar essa adultização, vem do professor do Departamento de Economia (ECO) Márcio Francisco da Silva, onde ele, apesar de não ter necessariamente seguido exatamente esse trajeto e considerar-se “sortudo” por isso, discorre:

*Os mais velhos têm que ajudar os pais a sustentar a casa, né? Então ensino, escola é um luxo que só os mais novos têm, os mais velhos acabam saindo da escola pra ajudar os pais a sustentar a casa, a cuidar dos outros irmãos e tal.*

### **Escola técnica federal**

As escolas técnicas federais foram citadas por grande parte dos entrevistados nessa pesquisa, e como já pôde ter sido notado em relato anterior, teve papel de bastante relevância na formação e escolha da área de atuação de algum desses professores, com algumas exceções. Durante o período de formação escolar básico dessa maioria, havia-se a escolha, após a conclusão do ensino fundamental (primeira à oitava série), por cursar o ensino médio como concebemos atualmente ou entrar em um curso técnico de especialização em diversas áreas. Já sabemos que o professor Abimael fez o curso técnico em contabilidade, área que ainda hoje ocupa, e que optou por ela por acreditar que seria a oportunidade de ajudar financeiramente sua família. Ele também fez mais comentários sobre o papel transformador dessa época e dessa decisão em sua vida.

*No ensino médio, me realizei, assim, me apaixonei pelo curso de contabilidade, sabia já que o curso permitiria você fazer estágio, então eu estudei pra tirar as melhores notas pra fazer estágio. No final de dezembro do primeiro ano eu consegui estágio no Banco de Brasília, que foi o divisor de águas da minha vida, foi o lugar que posso dizer assim, que é marcante, tudo na minha vida tem a ver com contabilidade, com o Banco de Brasília com o Banco do Brasil, foram os locais onde eu estagiei e consegui adquirir conhecimento e a partir daí muitas coisas mudaram na minha vida.*

O professor Bruno também cursou a escola técnica federal e também comenta ter estudado bastante e a partir disso ter “tomado gosto” pela física, curso que se formaria anos depois.

*Posteriormente na oitava série eu fui fazer uma prova pra entrar na escola técnica, que antes chamava CEFET, posteriormente foram criados IF's, mas na minha época não tinha IF's. Então eu fui pro CEFET fazer mecânica, técnico em mecânica. Então eu fiz técnico em mecânica, era uma escola que era bem exigente, então eu passava, tinha semestre ou ano, na verdade era anual, que a gente tinha doze aulas por dia. E eles tinham um processo interessante, depois ele foi interrompido esse processo, no qual você, isso foi no primeiro ano, porque na verdade tinha um mínimo pra ser aprovado, então por exemplo, o mínimo era sessenta, então se você tivesse sessenta você teoricamente você tava aprovado, mas não era o caso, se você tivesse oitenta e a média da turma você oitenta dois, você tava de recuperação. E isso foi algo que me obrigou a estudar muito. E ali eu tomei gosto pela física. (Grifo meu)*

Diferentemente dos outros dois, que seguiram a mesma área de atuação desses cursos técnicos até os dias atuais, o professor e sociólogo Emerson fez um curso bem distante do que viria a se interessar academicamente no futuro, mas ainda assim, considera a entrada na escola técnica um grande divisor de águas em sua trajetória.

*Aí eu fiz o curso médio lá, lá era o seguinte, tinha o curso médio e o técnico, o médio durante a manhã e o técnico a tarde. Mas no primeiro ano podia entrar só com o médio, e eu fiz eletromecânica a tarde. Aí então, foi um grande divisor de águas porque ali, enfim, as escolas técnicas federais são muito boas, né? Inclusive vem gente que estudou sempre em escola particular até a oitava série, pessoas de classe média, e fazem esse Vestibulinho, né? Pra ter um ensino de qualidade sem pagar particular. Então foi um divisor de águas, porque muda tudo, né? Não é só questão do ensino de maior qualidade, mas você começa a frequentar esse cosmos mais de*

classe média né, isso redefine suas expectativas, a sociabilidade, tudo. (Grifo meu)

O professor Carlos Alexandre, apesar ter cursado os três anos de ensino médio em escola pública e não a escola técnica federal, concomitantemente ao ensino médio realizou, no período noturno, curso técnico em administração de empresas. Ele narra que não o ajudou em nada na preparação para o vestibular ter feito este curso técnico em administração de empresas e por ventura, menos ainda em sua preparação para o que viria ser sua futura carreira profissional. Segue seu relato:

*E também na época o governo modificou a estrutura da educação no segundo grau colocando cursos técnicos, então cursos que não me ajudaram nada em fazer vestibular. Eu fazia administração, eu tinha que fazer alguma coisa e só tinha administração e contabilidade a noite. Aí entre administração e contabilidade eu achava melhor administração. E também uma outra questão eu estava servindo o exército. Então fiquei um ano no exército, em termos de estudar, fui prejudicado bastante, e isso refletiu no meu vestibular, que eu não passei aqui na UnB, ainda bem que eu não passei porque eu fiz pra engenharia florestal.*

### **Desafios da trajetória acadêmica: sensação de inferioridade, afunilamento, o estranhamento com relação ao corpo negro**

Diante do relato desses professores, é fácil perceber que muitos trilharam um caminho de bastante dificuldades para conseguir serem alunos de alguma universidade, seja essa pública ou privada. Uma vez nesses espaços, também se apresenta comum em suas trajetórias, uma série de desafios para sua permanência e engajamento na lógica diária de um universitário repleto de privilégios, para quem jamais imaginou estar ali, não teve apoio material e emocional, torna-se mais difícil conseguir, ao entrar na universidade, acompanhar as demandas e avaliações das disciplinas, fazer amizades, participar de projetos, entre outros fatores. Alguns professores narram situações onde sentiam esses desajustes, esse sentimento de não se sentir preparado para as barreiras e sobre a reação de outras pessoas com eles ocupando esses espaços.

O sentimento de inferioridade é comum para a população negra e é desenvolvido por alguns pensadores que estudam negritude, colonialidade e relações raciais, novamente me proponho a trazer as reflexões de Fanon (2008, p.28) para essa questão. “Só há complexo de inferioridade depois de um duplo processo: inicialmente econômico; em seguida pela interiorização, ou melhor, epidermização dessa inferioridade”.

O professor Abimael, assim como outros interlocutores desta pesquisa, passou por esse processo inicial citado por Fanon (2008) e relembra sua entrada no mestrado na UnB após ter saído de uma graduação em uma faculdade particular, fruto de seu esforço ainda quando muito novo de trabalhar para pagar seus estudos<sup>14</sup>, e reconhece a surpresa em ter conseguido aprovação nesse concurso de pós-graduação. E de imediato relata que se sentia um nível abaixo que seus colegas, porém sem atribuir diretamente<sup>15</sup> a sua condição econômica e nem a sua cor, mas sim tendo em vista que todos tinham graduação já em universidades públicas e com formação de ensino básico muito melhor que a sua.

*E aí, estando aqui na Universidade de Brasília, iniciei o meu mestrado. Eu sabia que eu era o último da turma, do mestrado, mas eu sabia onde eu queria chegar. E eu tinha ideia de que eu não queria ser o primeiro, eu poderia ser o último até o fim do mestrado sem problema nenhum, desde que eu continuasse e conseguisse ir até o fim. Então assim foi a minha bandeira. Eu chorava todo dia. Era aqui na FA. Porque imagine, todos os meus colegas eram da UnB. (Grifo meu)*

E continua:

*Aí por conta do mestrado, pronto. Como entender tudo isso em milésimos de semanas, minutos e consumo de material. Até hoje eu tenho deficiência com a língua estrangeira, e naquela época eu tinha mais ainda. Não tinha base nenhuma pra ler aquela*

---

<sup>14</sup> Abimael estudou e passou em vários concursos para ajudar financeiramente sua família. “Até os vinte e poucos anos basicamente todo o meu dinheiro era direcionado pra minha família, pra suporte, pra infraestrutura, pra tudo”.

<sup>15</sup> Porém, ao decorrer da entrevista ficou claro que para Abimael a condição econômica é sim um dos fatores relevantes para a sensação de inferioridade, sobretudo quando se trata de estudo e privilegio do acesso a informação.

quantidade de coisas. Traduzia as coisas tudo errado, passava umas vergonhas no seminário. Mas cabeça erguida. (Grifo meu)

Sobre a continuação de sua carreira acadêmica e projeções para uma possível entrada como docente, Abimael reforça seu sentimento de inferioridade e desconfiança de sua capacidade.

*Paguei minha língua por uma coisa, porque durante todo o mestrado eu falava assim, eu amo muito academia, depois de todo esse processo eu entendi e tal, eu amo muito a academia, mas eu nunca vou fazer concurso pra esse departamento. Porque eu sabia que eu nunca ia entrar, toda minha trajetória, eu não estudei na UnB, eu não tinha mesmo base nenhuma. Ali foi o meu primeiro contato com esse mundo inteiro que é essa academia. E eu me achava inferior mesmo, me achava. Eles tão lá em cima e eu to aqui embaixo. (Grifo meu)*

Quando abriu concurso para professor ele relata sua resistência em fazê-lo pelos mesmo motivos anteriores: “*Eu relutei, relutei muito, pra me inscrever. Tem tantas pessoas pra concorrer, tem pessoas com o nível intelectual muito maior que o meu. Tem nem condições de fazer um concurso desse*”.

Aparecem diversas vezes nas narrativas dos entrevistados, uma espécie de surpresa, vindo de diversos grupos, com a presença do corpo negro ali. Professor Rita, conta:

*Nessa época eu ainda tinha a triste ilusão de que eu poderia ser mais sutil em abordar alguns aspectos<sup>16</sup>, mas era muito comum as pessoas se surpreenderem por eu estar fazendo mestrado, se surpreenderem porque eu estava fazendo o mestrado na engenharia??? Entende? Não era só porque é uma pedagoga fazendo o mestrado na engenharia, vários momentos eu identificava porque era uma mulher negra fazendo mestrado. Em*

---

<sup>16</sup> Aspectos relativos a questão racial.

*Salvador as pessoas ficaram abismadas como é que eu consegui passar na federal de Santa Catarina.*

Considero este relato da professora interessante por diversos aspectos, primeiramente aparece em sua fala que inicialmente ela achou que poderia se portar de uma maneira “sútil” com relação aos aspectos raciais e de sua presença ali, seu corpo negro naquele ambiente majoritariamente branco, também aparecem questões relacionadas a gênero, relações de poder entre as diversas áreas de conhecimentos<sup>17</sup>, e uma dupla surpresa, tanto por parte dos colegas de universidade como pessoas próximas de sua cidade natal. Essa dupla surpresa, ou duplo estranhamento, pode ser encarada como algo importante na construção da identidade de qualquer pessoa que passe por isso, tendo em vista a sensação de não pertencimento em duas esferas de sua vida, a esfera pública (trabalho) e a privada (família, amigos, etc.).

Rita continua falando sobre essa primeira experiência em pós-graduação e da baixa presença de outros alunos negros.

*Então eu era uma pessoa negra, em Santa Catarina. E em um curso, em uma universidade que se tinha pouquíssimos negros, que quando a gente passava a gente se falava, tinham mais negros estrangeiros do que brasileiros. Tanto que todo mundo falava com todo mundo, as pessoas negras se falavam, na engenharia menos ainda.*

Alguns professores têm relatos semelhantes com relação a lembrança de pessoas negras durante sua formação acadêmica, para muitos, essa lembrança nem existe, ou quando aparece, são ditas através de uma infeliz constatação de serem pouquíssimos os sujeitos que vem à cabeça durante suas respectivas formações acadêmicas, e comumente relatando que quanto mais eles adentram esse caminho, quanto mais o cargo é maior, quanto mais difícil é o processo seletivo, menos ainda pode se perceber referências negras nesses espaços.

Professor Márcio salienta:

---

<sup>17</sup> Ela relata que o ambiente da engenharia era bastante masculino e por isso, ser mulher também era um fator de influência nos atos discriminatórios que ela percebia.

*Por exemplo, se a gente for pegar um curso de graduação como economia a quantidade de negros com relação a brancos é totalmente dispare né, isso independentemente do nível. Na verdade, quando vai subindo de nível, de graduação pra pós-graduação vai se tornando mais evidente. Na minha turma de graduação de 45 alunos deveriam ter 10, 12 negros. Na minha turma de mestrado éramos 3 e no doutorado não lembro de ter visto nenhum.*

Professor Domingos relata que dentro da psicologia não foi muito diferente: “*Eu posso contar nos dedos, né? Era eu, a Elza, que faleceu, Elza foi assassinada. Então tinha a elza e eu, e só. Que entrou comigo, somos dois de negros. Depois foi entrando, mas sempre assim, um, dois.... Um, dois, três*”.

Na antropologia também não parece ser muito diferente, professor Carlos Alexandre comenta:

*Eu sabia que eram raras as pessoas negras dentro da universidade, na época que eu entrei você contava com os dedos da mão quantos alunos negros tinham. E na antropologia, olha, raros. Mestrado mais ainda. Você vai vendo que vai afunilando. E assim, com esse afunilamento, né? Que a gente percebe, de mestrado pra doutorado, vai diminuindo cada vez mais, tem turmas que você não vê nenhum negro. E isso reflete aonde? Na universidade, nos cargos dentro da universidade, professores dentro da universidade, você tem pouquíssimos, é o que, eu acho que hoje em dia sessenta professores se veem como negros na Universidade de Brasília, isso para um número que tem mais de dois mil.*

E concluí:

*Porque também isso não é cultivado, desde a escola não é cultivado, você vê as figuras nos livros didático, cadê o negro?*

*Você vê as novelas, cadê o negro<sup>18</sup>? Vê quem são os políticos, né? Então você costuma ver o que? O negro é situação subalterna e o branco lá. Aí quando tem o negro a pessoa ver primeiro o que? Ah, ele é negro. Aí negro tem o que, tem os papéis para o negro. Como chamavam meu pai de pastor<sup>19</sup>. Na ABA<sup>20</sup> mesmo não tinha, eu nunca vi um negro na ABA. Um negro sendo chefe do departamento de antropologia, ou mesmo professor do departamento de antropologia. Pra mim é super positivo, tem que ampliar, tem que ter mais negros! (Grifo meu)*

Ao discutirmos sobre suas pesquisas e o lugar do negro nesses ambientes acadêmicos, de maioria branca, o professor Emerson resgata o argumento central de sua tese de que “*quanto mais alto na hierarquia social, mais o negro é um corpo fora do lugar, um corpo estranho*” fornecendo boa reflexão para pensarmos essas questões referentes ao afunilamento e a surpresa ligada a presença negra nesses espaços tão trazida pelos intelectuais aqui entrevistados.

O professor Bruno, também cita a pouca quantidade de negros em sua trajetória e descreve como, em decorrência dessa carência e do afunilamento já citado por outros professores, seu atual meio social não possui negros.

*Na pós-graduação nenhum, no curso de física tinha um só. E obviamente que o meu meio intelectual promoveu mudanças no meu meio social, o meu meio social não tem negro, é zero praticamente de negro. Zero! Eu não conheço assim, eu fico tentando buscar no meu meio social quem é negro e não lembro. (Grifo meu)*

Esse relato do professor acaba por me fazer questionar a veracidade de uma marcante frase de Fanon ao afirmar sobre os negros que: “Para ele só existe uma porta de

---

<sup>18</sup> Sobre o poder simbólico da mídia e sua contribuição para a perpetuação do racismo ver: SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>19</sup> Carlos Alexandre faz referência a um relato anterior referente a seu pai: “*Ele ficava muito puto, isso já nos últimos anos, quando ele ia pro fórum, ele não dirigia, só andava de ônibus, aí ele ia de terno e gravata. Negro de terno e gravata na rua era o quê? Pastor. Aí ele ficava muito puto, quase diariamente alguém cumprimentava ele: ô pastor*”.

<sup>20</sup> Associação Brasileira de Antropologia.



saída, que dá no mundo branco. ” (2008, p.60). Me inclino fortemente a ir de encontro a essa afirmativa e pretendo, mais para o fim deste trabalho, apontar outras “portas de saídas” para a população negra.

### **Situações de discriminação fora da academia**

Como já foi comentado anteriormente, desde muito novo e antes da escolha da carreira profissional, esses interlocutores de minha pesquisa já se depararam com situações de discriminação, em diversos contextos. Mesmo após sua escolha, dentro do universo acadêmico e em uma posição social de maior prestígio comparativamente as suas condições anteriores, as discriminações ainda se mantiveram presentes em sua vida, também fora da academia. Reforçando a ideia de que não basta ascender socialmente e economicamente para o racismo se exaurir. Julgo importante trazer essas situações vivenciadas e comentadas pelos professores e suas respectivas impressões e reflexões sobre cada uma.

O professor Bruno faz extensa declaração de situações de preconceito vividas mesmo depois de já ter alcançado um status social de prestígio em nossa sociedade e sua interpretação desses entraves sociais, atentando que alguns deles foram sofridos durante a fase de seu intercambio para realização do trabalho. Segue seu relato na integra:

*Mas aí eu lembro que um pouco mais velho eu sofri isso frente a sociedade, em shoppings, por exemplo, entrava dentro de uma loja, você via claramente que o segurança tava me perseguindo e tudo, me avaliando. Então assim, isso é uma coisa que me chateou. Agora a coisa que talvez a coisa que tenha mais me chateado sobre isso tudo foi morando na Austrália. É um país que teoricamente, 50% da população é estrangeira e eu achei que não ia passar isso. Mas teve uma vez que eu fui num pub lá, e eu ia sempre com meu landlord<sup>21</sup>, meu landlord falava: vamos ali tomar uma cerveja, então eu sempre ia com ele. Aí uma vez, eu morava sozinho lá, ele não foi, aí eu falei: ah, vou lá tomar uma cerveja. E o segurança não deixou eu entrar. E eu perguntava ao segurança porque eu não*

---

<sup>21</sup> Segundo Bruno, *landlord* seria o dono da casa que você mora quando está em intercambio.

*podia entrar, se o bar tava cheio demais, e ele nem me respondia. Eu falei: vou procurar a polícia, isso é racismo. E ele nem deu ideia, não conversou, não respondeu e nada. E tinha uma fila ao lado, onde as pessoas tavam entrando no pub, não tinha um negro. E eles tavam entrando. E quando eu tentei ir pra fila ele me tirou da fila sem me dizer nada e tal. Olha, isso eu fiquei mal, eu já me entendia por gente, tava ali fazendo um doutorado, no decimo segundo melhor departamento de engenharia química do mundo, então isso me chateou bastante.*

E concluí:

*A maturidade que a dificuldade te traz, acho que o conhecimento da sociedade, como que a sociedade age, como que a sociedade é hipócrita, como que o país é preconceituoso. Aí você vê alguns casos de racismo e o pessoal fala: “ah, isso é mimimi”. Eu falo: cara, vocês falam isso porque vocês nunca passaram por isso. (Grifo meu)*

O professor Bergmann comenta sobre as dificuldades do caminho e das discriminações sofridas até chegar ao cargo que ocupa hoje em dia.

*Mas assim, foi difícil? Foi! Mas eu não disse não pra nada, entendeu? Você quer? Quero! Vamos fazer? Vamos! Então fui mais pró ativo. E gente me colocou barreira ao longo do tempo? Com certeza. As pessoas te olham torto, não te escolhem pra certas coisas, acham que você é idiota, que você é burro. Isso acontece demais. (Grifo meu)*

Em sua narrativa, o professor e economista Márcio cita situação de discriminação fora da academia, mas prefere não entrar em detalhes e muda de assunto logo na sequência: “Então, a questão do racismo. Eu nunca sofri nenhum constrangimento com relação a isso dentro da universidade, foi mais questão de abordagem policial, enfim.

Mesmo não nascendo aqui, o Brasil tem grande influência no processo na construção da identidade do professor Filomeno, depois de ter morado em diversos países,

Filomeno relembra que aqui no Brasil, teve suas vivências mais delicadas no que diz respeito a sua cor e sua identidade. Cita algumas práticas rotineiras de preconceito racial como por exemplo: “Ir no mercado e a pessoa te abordar achando que você trabalha lá”, acusando a sociedade brasileira de ser a mais racista que já conheceu. Veja a sua declaração enfatizando isso:

*Rapaz, isso aqui é o expoente máximo do racismo no mundo é aqui meu. A mensagem que o Brasil manda pra fora de democracia multirracial, você quando chega aqui constata que é uma tremenda falácia. Eu já passei por muitos países, as situações mais delicadas em termos de ser humano foram aqui. (Grifo meu)*

Portanto, a partir desses relatos, é possível perceber semelhanças na trajetória e consequente formação da identidade desses professores, onde muitas vezes a marcação social de raça e classe interferiram constantemente em suas escolhas e na opção por dedicarem-se aos estudos e ao consequente caminho acadêmico. Agora no próximo e último capítulo, irei discorrer sobre as relações sociais dos entrevistados após a inserção no meio universitário como professores, analisando as situações vividas e relatadas por eles.

### **CAPÍTULO TRÊS** – *Ser negro(a) e professor(a) universitário*

O terceiro e último capítulo dessa monografia descreve e analisa aspectos trazidos pelos interlocutores da pesquisa no que diz respeito às suas experiências enquanto docentes e pesquisadores de uma universidade federal. Alguns apontam situações vividas e sensíveis a suas memórias que datam de mais de duas décadas, comparando-as com situações mais recentes, refletindo sobre a dinâmica da universidade no decorrer de sua permanência como discente, e o que mudou, o que permanece, o que melhorou, o que ainda falta melhorar, e para alguns, o que não vai melhorar. Outros estão a poucos anos como professores e, portanto, já percebem e experimentam a universidade, e conseqüentemente seu cargo de docência, sob determinada condição política e histórica, por exemplo, já implementadas as ações afirmativas e com isso a inclusão de sujeitos factualmente inviabilizados na nossa história, já enfrentam um ambiente minimamente mais inclusivo e plural se comparado há dez, quinze, vinte anos atrás como no caso de outros professores. Com isso, nessa seção serão abordados temas como as estratégias de permanência desses sujeitos, citando as múltiplas narrativas que percebem as diversas facetas do racismo e do racismo institucional dentro da academia, reflexo de um ambiente ainda bastante conservador, eurocêntrico e responsável por manter a hegemonia ideológica, política e econômica do ocidente, branca e excludente de outras epistemologias, outras raças, outras etnias como bem aponta Spivak (2010).

Um dos principais teóricos que discute a temática do racismo no mundo, é o francês da Martinica, de ascendência africana, Frantz Fanon. Já citado anteriormente, ele nos impele a pensar sobre um processo intencional de domesticação mental para com os sujeitos historicamente colonizados (FANON,1979). Percebo, a partir da declaração dos entrevistados, que a universidade não se opõe a esse caráter domesticador, pois ao invés de esforçar-se para subverter ideais hegemônicos e ortodoxos, com raras exceções, ainda

mantem um enquadramento epistêmico e político da produção do conhecimento e, portanto, também dos professores da universidade, mantendo um colonialismo epistêmico.

Refletir sobre colonialidade impõe, necessariamente, trazer para o debate a questão da modernidade. Essas duas noções se articulam na medida em que esta última é dotada de silenciamento, ignorância e inferiorização do outro (BERNADINO, 2007). A instituição do mundo moderno durante o século XV na Europa trouxe consigo percepções filosóficas e ontológicas baseada na racionalização da existência. Para conferirmos essa questão, basta relembrar a famosa expressão de Descartes “penso, logo existo”. Colonialidade seria, portanto, o estabelecimento da lógica advinda da modernidade europeia no mundo contemporâneo fora do contexto europeu (BERNARDINO, 2007).

Ter de lidar com essa colonialidade, cada dia mais, reflete em um esforço permanente de intelectuais e ativistas no processo de “tornar o mecanismo visível e tornar o indivíduo vocal” (Spivak, 2010, p.79). As falas de alguns professores contribuem significativamente para essa reflexão e discussão teórica, portanto, entendo e acredito fortemente que através de minha pesquisa, essa visibilidade e vocalização comentada por Spivak (2010) ocorra, fomentando as teorias sobre relações raciais, sobretudo na educação e no fazer acadêmico por quem vive, literalmente na pele, essa realidade. Trarei alguma dessas falas a seguir.

O professor Domingos, há mais de vinte anos atuando dentro da UnB, declara: “*O nosso papel aqui e isso pra mim é cada vez mais claro, é um papel de conservar as estruturas sociais de poder. Isso pra mim ficou muito claro com o tempo*”. (Grifo meu).

E ainda salienta:

*Os problemas que vejo assim mais, em relação ao autoritarismo, é questão da academia. Então essa postura que a gente vê com relação a questão racial, de não discutir, de não levantar, não levar as últimas consequências, não radicalizar aqui internamente. Isso acontece aqui e quando esses intelectuais, acadêmicos, são chamados para formular políticas públicas, esse rancho permanece.*

Essa afirmação do professor e psicólogo, me lembra Spivak (2010) ao falar sobre não ser possível ter ato de resistência se você está preso e imbricado na lógica hegemônica. Compreendo que tanto a autora quanto Domingos, percebem que silenciamento dos subalternos se dá na prática de intelectuais apenas os enxergarem como objeto de estudo onde estudam-se eles, falam por eles, mas nunca com eles.

Filomeno em sua narrativa, nos faz pensar sobre esse papel violento e domesticador da universidade, contribuindo para a manutenção das estruturas de poder de referência branca e europeia:

*No Brasil, é uma sociedade que foi talhada para que exista uma elite intelectual branca para que domine os demais grupos e quando você quebra essa barreira que já está pré-estabelecida você é sempre visto de uma maneira diferente e de certo modo hostilizado, porque sempre querem criar uma situação pra te provar que você não é competente, pra te provar que você não é capaz e pra te provar que você é um elemento desagregador.*  
(Grifos meus)

Ao ser questionada sobre a existência de um caráter progressista em seu ambiente de trabalho, a faculdade de educação (FE), pensando a estrutura dos cursos, ementas e atuações dos professores numa proposta operacional de mudança para discussões mais inclusivas, Rita faz comentário que demonstra o não interesse em subverter a lógica ortodoxa:

*Eu não sinto isso na faculdade de educação, não sinto. Eu prefiro falar que não sinto porque não tenho dados concretos, eu não fiz análise das ementas, que tratam sobre isso, pra poder falar com apropriação. Não sinto essa preocupação, volta e meia as pessoas falam: não, Rita que é da diversidade. Então por aí você entende que tem um certo estereotipozinho aí. É da diversidade, então bota tudo junto. Entendeu? Rita é a pessoa que trata dessas coisas, como se fosse algo pra ser tratado por uma única pessoa. A gente tem pouquíssimos professores que trazem essa questão aqui.*

### **Racismo institucional, sutilezas do preconceito e estratégias de sobrevivência**

O racismo institucional pode ser entendido como algum tipo de entrave, fruto de preconceito, que ocorre por meio de instituições, legislações e práticas cotidianas amparadas pela burocracia estatal, que mantem o abismo entre a igualdade de oportunidades entre raças e etnias. Muitas vezes a instituição e suas regras próprias, permitem a manutenção de práticas e ideologias racistas e excludentes.

O “racismo institucional” pode se caracterizar pelas práticas, as leis e os costumes estabelecidos socialmente os quais refletem e provocam desigualdades raciais entre determinados grupos da sociedade. Geralmente se manifestam pela economia, sistema jurídico e a educação. (LOPES, 2010, p.124)

Apesar de ser algo menos individual e muito mais estrutural, pode-se perceber nuances do racismo institucional operando através de pequenos atos sutis e recorrentes que reverberam densas consequências psicológicas nos indivíduos, como bem reforça a professora Rita:

*E aí eu começo a viver o que a gente chama do racismo institucional, e é uma relação muito sutil. E não dá nem mesmo pra falar com qualquer pessoa. Primeiro você começa a achar que é coisa da sua cabeça, né? Tudo é feito pra gente pensar que é algo na nossa cabeça. Mas a gente vai vendo que não, que são situações muito delicadas, muito sutis, então quanto mais a gente vai estar no espaço de um dito intelectuais, mais sutil esse racismo está presente. Então vieram várias formas de processo de exclusão, de segregação, muito sutil, muito discreto, que é difícil até você dizer o que é e o que não é uma questão racial, aí presente. A ponto de no primeiro ano eu pensar em pedir exoneração. Eu tive essa intenção, então eu me dei mais um ano, mais meio ano, um ano e seis meses e eu disse: se eu não ficar bem, eu vou sair. (Grifos meus)*

A professora Marly também comenta sobre as sutilezas da discriminação e do racismo dentro do ambiente acadêmico:

*A discriminação na universidade, principalmente no meio docente, ela nunca é explícita, ela é sempre muito sutil, ela é muito velada, você percebe porque você tem muita estrada, já viveu muito. Ela aparece nessa forma camuflada, da não titulação, etc.*



O professor Abimael também comenta sobre vivenciar práticas segregacionistas e racistas dentro da universidade, porém mais uma vez, interpretando como algo sutil e subliminar.

*Por mais que as pessoas não tenham coragem de na minha cara falar algumas coisas, porque elas sabem que eu sou servidor público como qualquer uma delas, mas elas tentam de alguma forma me boicotar, obvio. É porque o boicote tá relacionado com quem você é, então assim, eu, se a gente for pensar bem mesmo, eu sou um outlier, então os outliers eles sempre orbitam sozinhos. Estatisticamente falando eu tenho os pontos muito próximos da curva e tenho os outliers, pontos fora da curva. Então eu sou um ponto fora da curva. (Grifo meu)*

Filomeno faz contribuição parecida no que diz respeito a estrutura da instituição:

*O grande problema disso aqui é um problema de... Institucionalmente, ficou estabelecido há 200 anos atrás, que existia a escravatura e que a escravatura acabou, tudo bem. Mas pra nós <sup>22</sup>vocês vão continuar sendo do ponto de vista intelectual, social, sempre inferiores. É isso que tá definido aqui. É isso que as pessoas pensam. (Grifo meu)*

Sobre pequenas experiências que dizem muito a respeito das sutilezas do preconceito dentro da universidade, alguns professores deram declarações convergentes, muito relacionadas com, novamente, a surpresa do corpo negro em determinadas posições

---

<sup>22</sup> Filomeno, para exemplificar seu ponto, interpreta a narrativa da branquitude dentro do espaço acadêmico.

de alta hierarquia social e uma espécie de menosprezo para com o negro ali presente.

Como o professor Begmann relata:

*Eu quando assumi a diretoria de pós-graduação, o que que aconteceu? Pessoas que iam me procurar ficavam abismadas que eu era o diretor, você via na cara delas. Pessoas que não te conhecem, professores, de outros departamentos. É uma coisa assim, sutil, mas você vê na cara da pessoa que ela ficou: “pô, como assim?”*

Emerson narra também um caso sutil, mas marcante por ser, ao mesmo tempo, segundo ele, bastante explícito desse mesmo fenômeno de desconfiança e deslegitimação do corpo negro nesses espaços.

*Mas porque eu to falando isso, teve um episódio, esse foi muito explícito, mas é uma coisa que acontece. Mas esse foi muito, muito explícito. Tava eu, tinha um mestrando que foi comigo, pra ser meu auxiliar pra fazer entrevista com um sindicalista, com um líder sindical, essa foi aqui no DF mesmo. Aí tá, a gente chega, senta, e o cara imediatamente, o outro cara era branco né, se dirige imediatamente ao outro como sendo pesquisador, experiente, e eu possivelmente era o, sei lá. Você tá entregando serviço direto pros alunos, você vê operando ali uma certa desconfiança. Ou quando vai responder alguma coisa administrativa fora da reitoria, onde as pessoas olham.*

Já o professor Joaze comenta sobre esse lugar da surpresa por parte de inúmeras pessoas com a ocupação de seu cargo como assessor do reitor da universidade, já se referindo a sua postura estratégica na tentativa de contornar as situações discriminatórias.

*Agora por exemplo, quando eu cheguei aqui na universidade eu me tornei assessor do reitor, na ocasião o José Geraldo, para os assuntos ligados a questão racial aqui na universidade. Aí reitoria sim, por fim, só pra você ter uma ideia, eu adotei a seguinte estratégia, eu tinha um blazer que ficava dentro do carro, quando eu ia pra reitoria eu ia de blazer, não entrava do jeito que to vestido aqui, porque a cor da pele as pessoas não associavam ao cargo de assessor do reitor, de decanos a secretários da reitoria, não me enxergavam como uma pessoa que tava na administração superior da universidade. Então eu falei comigo mesmo, acho que essas pessoas respeitam roupa, e aí comecei a usar a roupa. Aí em vez de comer eu colocava comida assim no bolso do blazer, eu ia alimentando ele, ao invés de comer eu, de me alimentar, eu ia alimentando o blazer, porque ele que garantia meu salvo conduto na reitoria (risos).*

O professor e sociólogo Emerson expõe uma maneira curiosa de se pensar uma das nuances do racismo dentro da universidade, e sobretudo na área das ciências humanas, ele comenta sobre como expectativas são ajustadas por conta de sua cor, seja com relação à sua capacidade e competência como nos últimos relatos, ou como papéis são pré-estabelecidos por conta da raça e, com isso, a imposição de temas de pesquisas específicos relacionados as relações raciais para os negros ali atuantes. Negro só pode estudar negritude?

*Engraçado como é que uma das maneiras como a discriminação apareceu na minha trajetória acadêmica é isso, eu não queria estudar relações raciais, achava o tema interessante, legal a discussão, mas tinha muito mais curiosidade em uma série de outras coisas, mas esse tema me era empurrado, inclusive o próprio Jessé, os colegas. Ah a gente vai ter que discutir isso, é o preto que vai ter que falar de relações raciais né, então o tema sobrava pra mim. Então eu fui meio empurrado o tema. Aí de novo, queria estudar, sei lá, classe, aí o grupo assim, pô você podia fazer sobre elites negras em Emerson. Aí eu: porra, só porque sou preto tenho que estudar preto, caralho! (Grifos meus)*

E concluí:

*Enfim, são esquemas de percepção de apreciação que eles operam calibrando nossas expectativas, definindo nossas expectativas. Então as expectativas, no primeiro momento, sempre a expectativa quando olham lá e veem sua pele, essa expectativa vai ser jogada pra baixa e a cobrança pro alto, isso pré-reflexivamente inclusive. As pessoas vão fazer isso, colegas, alunos. Então isso existe, é uma coisa que infelizmente a gente tem que lidar com isso pelo resto da vida, né? Enfrentar e desenvolver estratégias de superação, de resistência, e em alguma medida modificar isso no nosso ambiente.*

Logo após essas declarações, perguntei ao Emerson qual seriam essas estratégias de superação dessas adversidades. A resposta dele me lembrou falas semelhantes de

outros professores sobre mais uma vez redobrar esforços, não baixar a cabeça e ter orgulho da sua trajetória e conquistas.

*Cara, esfregar na cara dos outros, meu orgulho, meu talento. E é a estratégia mais comum, numa situação dessa você tem que redobrar esforços, a exigência maior, você vai fazer mais ainda o que a exigência maior tinha feito, e procurar nunca perder esse tal sentimento de orgulho, não pode deixar o ambiente fazer baixar a cabeça. Ou se sentir pra baixo.*

A afirmação e estratégia de não deixar o ambiente e as situações fazerem sua autoestima baixar também aparece na declaração de Filomeno:

*Eu olho sempre no olho das pessoas e isso que causa muito problema pra mim porque eles tão acostumado que quando cruza contigo, que você tem que baixar, e eu nunca baixo. E tem gente que me diz: por que você não baixa só pra não dar problema? E eu digo: Mas eu não fui educado a baixar, nunca vou baixar.*

. Domingos e Bergmann também fazem comentários semelhantes sobre respectivamente:

*Igual eu via muita gente que ficava muito pra baixo. Isso nunca me abalou, de ficar de fora de grupos e tal, tava claro pra mim que era uma questão racial ali, mas também não queria mexer com isso, isso não vai me tirar do meu caminho. Porque o mais importante é a gente terminar essa etapa, ter um diploma, fazer um mestrado, fazer um doutorado.*

*Mas assim, como você mostra isso, ao contrário? Eu simplesmente ligo o botão do foda-se, eu não tô nem aí, eu faço minhas coisas. Hoje eu já fui presidente da sociedade brasileira de virologia, diretor da pós-graduação aqui da universidade, fui chefe de departamento. Então eu não recuso nada, tudo é desafio pra mim. Então a atitude é muito importante. Nós, quem é diferente da sociedade padrão, vai ser sempre discriminado! (Grifo meu)*

Em pesquisa semelhante a esta, Holanda (2009) também descreve essa estratégia do “não estar nem aí” e do “não baixar a cabeça” em seus entrevistados e desenvolve, através dela, que essa seria mais uma revelação do preconceito acumulado tanto de raça quanto classe.

Quanto ao recorrente “não estar nem aí”, embora seja uma estratégia comumente utilizada por alguns negros, não é algo bem resolvido, bem processado, porque paira no ar uma dúvida dos brancos sobre a nossa capacidade intelectual, sobre nosso valor e competência, até sobre nossa dimensão afetos e emoções, permanecendo em nós, uma vontade de querer provar esse valor, e de mostrar nossa produção simbólica e material, buscando assim o reconhecimento do outro. Essas situações revelam preconceitos acumulados de raça e classe que para uma pessoa branca não ocorreria com a mesma intensidade. (HOLANDA, 2009, p.86)

Além dessa perspectiva, outras estratégias também são adotadas de acordo com a realidade de cada pessoa, a professora Rita, como mencionado anteriormente, pensou em desistir da carreira por conta dessas situações desconfortáveis, reflexo do racismo, logo no primeiro ano de docência, e conta ter buscado apoio fora da universidade, emocional e espiritualmente para conseguir permanecer.

*Então eu me dei um tempo, fui buscar outros recursos, como apoio emocional, espiritual, pra ir vendo os caminhos que me cabia, como é que eu poderia me fortalecer pra ir me relacionando com isso. Hoje estou me sentindo melhor, pertencente mais. E tenho trazido muito essas discussões pra dentro da área que eu trabalho.*

### **Papel de fomentador do debate e na formação de alunos negros**

A presença de negros(as) como docentes e pesquisadores(as) das universidades é inspirador para muitos outros negros(as) que almejam estar nesse ambiente em algum momento de suas vidas. É com essa participação e visibilidade que se possibilita a necessária potencialização e diversificação do debate sobre a negritude e relações raciais, mas não apenas sobre ela, sob diferentes perspectivas, lutando contra a reprodução de padrões violentos no fazer acadêmico. E também não só por esses alunos terem como referência alguém da sua cor, de sua crença, de seu povo, mas também como ter algum suporte e empatia por parte destes professores na sua formação, o que é fundamental para não se desistir durante a trajetória. Nas falas dos entrevistados, muitos atentam para a importância da presença deles naquele espaço e assumem com orgulho esse papel de inspiração e estímulo na formação de alunos e também de fomentador das discussões étnico-raciais, anteriormente invisibilizadas. A professora Rita mostra estar fazendo isto ao dizer *“então eu tenho trazido sempre esse diálogo de gênero, raça e etnia, mais especificamente da população negra, pra dentro das discussões”*.

Ela continua falando sobre essa importância narrando, em tom de surpresa e denuncia, um relato emocionante que ocorreu com ela nesse ano dentro de sala de aula, em uma disciplina ofertada no verão.

*Esse ano no verão, 2019, uma aluna na sala chorou, e quase toda sala, e eu chorei junto, ela me disse que ela pela primeira vez na vida dela ela tinha uma professora negra. Em 2019!! Essa aluna é do curso de história. E eu escuto muito nos corredores alunos me dizendo, e em sala de aula, a senhora é a primeira professora negra, sabe? Como referência. Então não é só meu corpo negro, isso também. Mas é como eu me posiciono na sala. (Grifos meus)*

O Professor Joaze contribui para esse argumento ao lembrar que após sua aproximação com seu tema de pesquisa (ações afirmativas) e o engajamento em projetos, seminários e com outros pesquisadores da temática racial, passou a exercer algo que ele denomina “militância acadêmica”. Segue seu relato na íntegra:

*E a partir daí eu comecei a fazer o que eu chamo de uma militância acadêmica, de formação de alunos, era um projeto que visava qualificar os alunos de graduação, alunos negros de graduação, para serem selecionados para PIBIC, para as bolsas de graduação que eram oferecidas na própria universidade. O nome do projeto era “passagem do meio”. A gente fazia uma alusão justamente a passagem do meio como um momento na travessia do atlântico como um momento de sofrimento, e nós identificávamos isso na entrada do aluno negro na universidade, porque ele chegava muito sem parâmetros do que é universidade, como funciona a universidade, então o projeto orientava o aluno nesse sentido, projeto assim, muito bem-sucedido, alguns alunos do projeto são professores de universidades pelo Brasil afora. Então assim, uma coisa muito bem acertada. Deu trabalho pra caramba, mas quando*



*lembra, fulano é professor lá na UNILA, beltrano é professor na própria UFG, tem duas pessoas que são professores na UFG, outro tá lá na no Rio de Janeiro, então assim, os resultados são muito auspiciosos, animadores. Então minha entrada no tema foi um pouco em função disso, aí desde então uma sequência de projetos e envolvimento com a temática, né?*

E continua:

*Mas como somos tão poucos professores negros, tão pouco professores negros engajados eu acabo sendo uma figura importante aqui na universidade, sobretudo na formação das pessoas. Uma grande procura de alunos para serem orientados no mestrado, na pós, no doutorado, alunos de graduação também, então, enfim, minhas aulas sempre cheias, aulas de pós graduação, minhas turmas no geral, nos últimos três, quatro anos, não tem tido menos que vinte e cinco alunos, alunos de toda a universidade, não só alunos do programa, e vários alunos defendendo tese, me chamando pra qualificação, pra defesa. Então eu acho que de certa forma, eu to influenciando na formação das pessoas. Eu acho que tem um lado legal disso aí, você encontra interlocução, vê que o que você tá falando tá tendo repercussão. Mas por outro lado tem um preço da vida pessoal, de um engajamento, que as vezes eu tava querendo fazer, sei lá, pesquisar outra coisa, entende? Quero falar outra coisa, mas pelo meu engajamento, meu compromisso com os alunos, eu não consigo ser esse anônimo.*

Curioso perceber que a mesma questão já trazida pelo outro sociólogo também entrevistado na pesquisa, professor Emerson, de que as vezes você, ao ser negro e pesquisador, é impelido a se dedicar apenas aos estudos das relações raciais e está engajado somente com questões referentes a negritude, aparece também no relato de Joaze. Porém, ambos têm percepções diferentes com relação a esse mesmo fenômeno, enquanto um acredita que isso é mais uma das nuances do racismo e da discriminação e, portanto, um problema, o outro entende muito mais como um comprometimento e compromisso consigo e seus alunos não enxergando como algo necessariamente ruim.

Emerson faz comentário relevante para pensar o papel do negro intelectual dentro do ambiente acadêmico, refletindo a respeito desta imagem como referência para outros alunos negros.

*Eu acho que o simples fato dele existir, ocupar esse espaço, isso é relevante, e eu acho muito importante que ele tenha percepção de que a discriminação existe, das dimensões como ela afeta a vida das pessoas, pra inclusive perceber que ele pode desempenhar um certo papel de referência pra estudantes, que antes não tinha professor negros e agora tem um pouco. Acho que a gente precisa ter sensibilidade com isso.*

### **Militância X Academia**

Aproveitando o gatilho dessa última fala do professor Joaze onde ele cita o termo “militância acadêmica”, pretendo desenvolver noções sobre essas duas coisas, militância versus rigor científico. É possível que as duas práticas caminhem juntas? Pela resposta dos professores entendo que sim, mas sempre com bastante cautela. Connel (2012) ressalta que não é só possível como muitas vezes um é o que permite a existência do

outro. “Na lista de chamada dos teóricos do Sul, encontram-se frequentemente pessoas cujos trabalhos foram produzidos em um contexto de luta política” (2012, p.13).

Porém, muitos são os discursos que tentam deslegitimar inúmeras pesquisas e pesquisadores que possuem certo tom de militância em seus trabalhos, sob o argumento de parcialidade na pesquisa, não se configurando como ciência e sim como ativismo. Nos estudos das relações raciais isso é muito questionado, tendo em vista que é muito difícil não se posicionar e defender uma causa ao discutir esse tema. Entretanto, não é apenas nessa área que causas são defendidas, Joaze fez boas contribuições para a discussão e exemplifica que isso perpassa praticamente todo tipo de pesquisa, desmistificando a noção de neutralidade científica tão defendida por alguns. Seguem suas reflexões:

*Primeira coisa né, é que eu acho que não há quem não defenda causas. E a própria defesa da causa é uma militância. Por exemplo, professores que se vinculam ao movimento trabalhista e defendem sindicatos, ele também não é um militante? Professores que fazem etnografias sobre terreiros de candomblé, ele não defende uma visão de mundo também quando escreve sua tese a respeito do candomblé, né? Professoras feministas, que trabalham com sexualidade, ou pensarmos mais amplamente, no campo da sociologia, professores que defenderam a ideia do Brasil como uma democracia racial, eles não tavam militando também pra uma coisa? Por algo?*

E continua a argumentar:

*Então acho que o primeiro ponto é esse, é a gente tirar o véu daquilo que se chama por neutralidade, ou universalismo, e a*

*gente enxergar que há sempre uma causa sendo defendida. Nem que essa causa seja uma causa universalista. Mas há uma causa sendo defendida. Professor especialista em sociologia da educação, ele não tem um projeto de mundo? E que vincula a educação, a ampliação de horizontes, a uma igualdade, a um projeto de igualdade, de universalismo, etc? Então acho que tem uma causa sempre que está movendo as pessoas. Então acho que o primeiro ponto é esse, acho que todos nós estamos nos posicionando nesse mundo. Somos seres axiomais, que temos visão de mundo, e projetamos isso indiretamente no que a gente tá fazendo nas ciências humanas, não tem como não se posicionar, né?. (Grifos Meus)*

Por ter fechado sua narrativa citando as ciências humanas, e após eu ter entrevistado professores também da área de exatas, o perguntei se ele não achava que essa mesma questão também não aparecia dentro das ciências naturais. Ele respondeu que acredita que o mesmo princípio vale para ambas as áreas e complementou:

*Também. E até a seleção do que estudar, entende? Então acho que era isso que eu colocava numa tentativa de debate na política de ação afirmativa na pós-graduação da universidade como um todo. A deliberação do que estudar é movido por questões extra científica. No campo por exemplo da engenharia, por quê nosso grande desafio não é, por exemplo, construir, vamos lá, exemplo elementar, uma canoa movida a energia solar? Porque você não usa isso, porque eu não uso, porque os professores que foram criados e tem como projeto de mundo um apartamento, ou uma*

*mansão no lago sul, não precisam disso. Mas você traz um aluno indígena pra cá, talvez essa seja a questão dele. Então como operacionalizar, ou como armazenar energia solar para atender a sua comunidade. Então a engenharia também é influenciada por essas questões extra científicas. Por que o nosso projeto econômico é um projeto econômico de inserir o Brasil no grande ciclo do capital financeiro e adequar as condições? Olha isso, tem um conteúdo político por trás dessa decisão. Nossa opção pro estudo econômico poderia ser uma alternativa álter capitalista, alguma coisa diferente do capitalismo, como a gente se organizar enriquecendo as pessoas, né? E não somente a pessoa, ou uma pessoa, ou um grupo. Então acho que tudo você pode encontrar um condicionante político, uma visão de mundo, etc. (Grifos meus)*

Sobre essa deliberação dos interesses de estudo, Connel (2012) ressalta que: “Como as condições do trabalho intelectual e a história social das intelligentsias são diferentes no mundo colonizado daquelas existentes na metrópole, o caráter da teorização provavelmente também será distinto. ” (2012, p.13).

Ao se questionar sobre uma possível construção de um conhecimento contra hegemônico na luta contra as injustiças, desigualdades e o racismo, Otair Fernandes dá contribuição para pensar o papel do negro e sua relação com a militância para essa construção ao afirmar que: “Associar a luta ideológica contra o racismo a um projeto de transformação da sociedade brasileira parece ser fundamental para uma melhor compreensão sobre o papel e a função da intelectualidade negra. ” (2017, p.117).

O professor, pesquisador e engenheiro Filomeno faz comentário interessante, sobretudo vindo de alguém das ciências naturais, mais rígida e distante a essas discussões, que corrobora com a ideia de que seja possível sim conciliar fazer ciência com fazer ativismo, independentemente de sua área de pesquisa. *“Na verdade, você é uma pessoa que tem que ser cientista, ativista, defensor dos direitos humanos e principalmente humano, que tem percepções, que tem sentimentos”*.

Outro intelectual entrevistado de minha pesquisa e que se considera também um militante, é o antropólogo Carlos Alexandre. Ele cita que já sofreu com essa tentativa de deslegitimação por ter aproximação afetiva e ativista com os sujeitos de sua pesquisa, e que é preciso cautela para estabelecer a diferença entre essas duas coisas, assim podendo equilibrar-se nessa linha tênue.

*Ah, e sendo negro desqualifica o meu discurso? E tentaram fazer isso lá no Mato Grosso do Sul. Um dos ocupantes da área que eu tinha delimitado, que não era quilombola, falou que ele tinha acesso aos jornais, fazia entrevistas, que o negro antropólogo tal, tá trabalhando pros negros, então negro pra negro quer dizer que só vai falar bem dos negros, então é uma tentativa de desqualificar nosso trabalho. Mas o que primeiro nós temos que fazer enquanto academia, a academia sustenta intelectualmente o movimento, também estuda o movimento. Tem que saber essa diferença entre o papel ativista e o papel de um acadêmico*

Ainda Carlos Alexandre, também reflete sobre a importância positiva dessa postura dentro da academia, sobretudo na formação das novas gerações. Segue sua contribuição:

*E também depois os contatos né, que eu comecei a fazer parte do movimento quilombola, não penso apenas como um acadêmico, mas também como um militante do movimento. E sempre discutindo a questão racial. E também a importância da educação, como no meu caso foi, as opções que eu fui fazendo para poder ser um intelectual e pensar questão negra, né? Então eu acho importante que cada vez mais o negro esteja nesses espaços, como foi no supremo com Joaquim Barbosa, não interessa, assim em termos positivos, onde que é, mas que seja o negro lá, como ministros, não só da suprema corte, mas ministros, dentro da universidade, reitores. É trabalhar com essas questões, é trazer esses autores, é trazer essa diversidade, abrir a cabeça das pessoas pra essa diversidade, pra indígena, pro branco, e pra outras populações que tem pouco acesso e acabam de entrar na universidade. A universidade é um leque de possibilidades e de diversidade que você tem que estudar. E não doutrinar de uma só forma, né? E buscar a apoiar os estudantes. Tendo um discurso diferente, que isso atrai. Uma coisa é um discurso acadêmico, outra coisa é um discurso de movimento social, ativista. Tem que saber separar as duas coisas. (Grifos meus)*

E encerra suas falas com relação a essa questão salientando que dentro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), ativismos semelhantes precisam e são feitos.

*A questão das cotas, houve uma construção aqui acadêmica, e eu acho que é certo defender. Questões sobre assassinatos, sobre*

*regularização fundiária das terras, então quando eu fiz parte da Associação Brasileira de Antropologia, da diretoria, então a gente fazia o que? Na frente da ABA, a gente faz também muito ativismo, porque a gente tá lá, digamos, ajudando a comunidade indígena, povos tradicionais, todo o leque de populações que a gente trabalha. Então estamos sempre apoiando essas comunidades, ou essas populações. (Grifo meu)*

### **Ações afirmativas e cotas**

Aproveito a discussão a respeito da atuação política desses intelectuais dentro da universidade e sua relevância, para retomar o assunto das políticas racialmente orientadas no âmbito educacional, porém, dessa vez a abordagem se dá a partir das falas e posicionamentos dos professores aqui entrevistados. Alguns deles acompanharam todo o processo de implementação, podendo opinar sobre sua percepção da universidade antes e depois das políticas entrarem em vigor, pensando todas as conquistas e todos os desafios durante esses anos. Outros, mesmo sem ter atuado como docentes no período anterior as políticas focalizadas, tecem conclusões sobre a importância, a eficácia e as consequências da implementação dessas ações afirmativas.

Quando a professora Rita chegou ao cargo de docente de uma universidade pública (UnB), em 2016, as cotas já estavam em funcionamento em diversas universidades do país há mais de uma década. Ainda assim, ela conta como acredita na necessidade dessas políticas atualmente e como se posiciona abertamente sobre essas discussões dentro e fora de sala. Segue um trecho de sua narrativa sobre seu posicionamento frente as cotas.



*Acho importantíssimas essas políticas públicas porque é um déficit que a gente tem, uma dívida social, ninguém está fazendo favor, e eu comento sobre isso abertamente durante a aula de didática quando eu falo da educação que é para todas as pessoas. Instituições educativas são para todos. Todos quem? Quem são considerados humanos? E quais condições são dadas? Então essas discussões vêm pra sala, eu me posiciono abertamente a favor do sistema, popularmente chamado sistema de cotas.*

Ainda sobre as ações afirmativas, ela caracteriza a política como algo transformador e que além de garantir a entrada de alunos negros, tem grande importância em proporcionar, através da inclusão, a formação e construção de identidade desses alunos negros que optam por tentar o acesso à universidade através do sistema.

*Acho que teve dois movimentos. No começo tinham pessoas que entraram pelo sistema de cotas, pessoas negras sem nem saber o que era o sistema, o processo de ações afirmativas, e eu tenho uma colega que ela viveu isso, ela comenta que ela entrou sem nem saber o que era. A construção da identidade negra dela se deu dentro da universidade. E eu já escutei outros depoimentos de estudantes falando sobre isso. Então não é só uma política de entrada, mas é uma política formativa. Ainda que viva muito processo de exclusão dentro da inclusão. Então independente de entrar ou não no sistema de cotas, via esse sistema, existe uma mudança na universidade, provocada por essas políticas. E eu acho que isso tem sido muito importante, essa afirmação. Então eu acho que principalmente se tratando de uma universidade como a*

*de Brasília, que é considerada uma das melhores do país, eu acho fundamental mas acho que a gente ainda tem muito chão pela frente, viu? (Grifos meus)*

Domingos, professor da psicologia, já fazia parte do corpo docente quando a proposta de cotas ganhou força dentro da UnB e, portanto, acompanhou todas as discussões até sua posterior implementação e faz relato marcante com relação aos conflitos e dramas desse período, comentando um conservadorismo de muitos intelectuais da universidade, que inclusive se considerariam progressistas.

*Por isso que a cota foi um negócio que pegou todo mundo aqui dentro da universidade. Isso mexeu muito com as pessoas. Mexeu fortemente. Eu tinha uma colega aqui, discurso todo marxista e tal, no dia da semana, eu tava na CEPE <sup>23</sup>quando foi aprovada as cotas, e foi toda uma política, se você for recuperar isso, aquela votação, quando, o dia que aconteceu, se você for pegar as atas lá do CEPE, você vai ver, e tudo com muito jeito, pessoal que era contra, tudo com muito jeito e aquele negócio todo. Mas eu tinha uma colega que na semana da votação ela chegou pra mim e falou: você tá no cepe, né? Vai votar e tudo? Mas você vê Domingos, o absurdo que é esse negócio, dessa cota. Veja, no Brasil como é que a gente vai falar aqui de discriminação e preconceito? Marxista... e todo aquele discurso de esquerda e tal. E ela queria me convencer a ir numa reunião, dando meu depoimento enquanto negro. Ela nunca tinha, isso que é interessante, entende? Ela nunca*

---

<sup>23</sup> Sigla para: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

*tinha tocado nesse assunto comigo, racial. No momento que bem entendeu a ela, ela veio a mim tocar nesse assunto. Aí ela veio e falou assim, vamos lá? Porque se você pudesse ir falar um pouco, sua posição, porque veja.... Não me deixou falar um minuto. Nem sabia qual era. Ela falou assim: quem que vai discriminar uma pessoa igual a Camila Pitanga por exemplo, você já imaginou no brasil alguém discriminar uma negra tão bonita como ela?*

E logo em seguida narra uma situação de racismo explícito por parte de um professor, durante uma das reuniões que aconteceram envolvendo os professores da universidade para suas respectivas posições, a favor ou contra, frente a proposta. Segue seu relato:

*Aí nós fizemos a reunião, chamou toda a universidade pra discutir isso, se tirava essa exigência de trabalhar em projeto pra receber bolsa. Aí a gente foi lá, acho que nem foi filmado isso, aí todo mundo subia lá, quem quisesse falar e tudo, aí o professor levantou a mão e falou assim: olha, esses cotistas, eu não sei como lidar com eles, porque tudo maconheiro, sujos.*

O professor Bruno, apesar de dizer ter dúvidas sobre os níveis em que o sistema de cotas deva ser implementado, e não concordar com cota para professores, também se posiciona a favor das cotas para graduação, ao mesmo tempo em que critica a ideia de meritocracia e a igualdade de oportunidade em nosso país:

*Então assim, na pós-graduação? Olha, eu não sei, porque é um tempo pra corrigir e tudo. Mas pra graduação com certeza, pra*

*ensino médio devia ter, pra cursos elitizados, aí que deve ter mesmo. Entendeu? Não é uma questão de capacidade intelectual, mas é uma questão de oportunidade pra estudar. Não adianta, ele não tem o que comer o dia inteiro e aí eu tenho que sentar aqui pra estudar como? Eu não tenho um ambiente favorável ao estudo. Que meritocracia que é essa que o país tanto fala? Não existe isso.*

Filomeno dá declarações muito interessantes no que diz respeito a sua opinião sobre o sistema de cotas, referindo-se ao benefício também para professores, denunciando os entraves institucionais, reflexos do racismo como já desenvolvido anteriormente, para inviabilização da eficiência dessas medidas.

*Porque no serviço público aqui na UnB, é outra coisa que é discutível, não existe cota pra professor, a lei estabelece que tem que ter, mas eles dão um jeito de não ter. Sabe como? Em vez de abrir o concurso com 5 professores que na quinta vaga você tem que destinar pra cota, eles abrem com 4. E aí você não tem como entrar. Aí no próximo ano abre com 4, e abre com 4 e você sempre ta excluído.*

Outro comentário bastante significativo desse mesmo professor, foi a respeito do rendimento dos seus alunos cotistas. Enquanto um dos principais argumentos contra a implementação de cotas durante todos esses anos é de que com a presença desses alunos, o nível geral dos alunos da universidade cairia e conseqüentemente o da universidade também. Filomeno atentou-se a isso e dá declaração oposta, me fazendo lembrar do professor e historiador da disciplina que fiz “Cultura Poder e Relações Sociais”, que dizia ter dado aula de história para universidades particulares e comentava que percebia os

alunos negros e de baixa renda da UnB tendo muito mais compromisso e muitas vezes melhores desempenhos do que os alunos que teoricamente teriam mais preparo para fazer um curso superior, dá universidade privada. Velloso (2013) em sua pesquisa traz contribuição para esse argumento ao discutir o rendimento de três turmas, em três áreas diferentes (Humanidades, Ciências e Saúde), durante três anos e constatar a não diferença sistemática de rendimento em favor dos não-cotistas. Dito isso, vejamos a fala do professor Filomeno:

*Esses caras daqui não querem que os alunos daqui sejam melhores do que o de lá, porque eles fazem parte de um establishment já mais ou menos adquirido, já estabilizado, de que quem nasce lá, quem cresce lá, quem tem família lá, classe média, que frequentou os melhores colégios, tem que ser os melhores alunos daqui e não é verdade. Eles tentam passar essa ideia, mas não é verdade. Não é verdade mesmo. Eu tenho aqui minhas provas com base em estatística e tudo que dizem que não é verdade. Os meus melhores alunos, os dois melhores que passaram aqui, 3, dois são negros, negros, negros e um era pardo. Os melhores que passaram aqui. Mas essa estatística nunca ninguém vai te passar. (Grifo meu)*

Professor Joaze, ao pensar sobre ações afirmativas para garantir um espaço cada vez mais democrático, também levanta essa mesma questão do Filomeno, quanto a necessidade de concurso público para professores e como institucionalmente há uma opção política para inviabilizar essa medida.

*A universidade reformulou seu edital de condições gerais de concurso público para professor, compreendendo a lei que reserva vagas no serviço público pra professores, mas a opção da universidade é a opção pra não fazer nada, entende? Você tem modelos e isso foi uma construção feita pela reitoria, ela poderia ter chamado pessoas que trabalha com a temática, eu fiz a consulta no momento que tava sendo discutido isso pela universidade, várias pessoas, não consultei todo mundo mas consultei nomes proeminentes no debate de relações raciais aqui na universidade, ninguém tinha sido contatada pela reitoria. E aí ela apresenta um plano que é o seguinte, como que opera, você reserva uma vaga pra professor negro quando o departamento tem no mínimo três vagas, primeira e segunda universal, terceira pra quem optou por políticas de ações afirmativas. Ora, me diga, qual departamento oferece concurso pra três vagas? Então é uma coisa assim pra inglês ver, pra não operar. Você tinha outros modelos como o da UFBA o da UFRJ, você tem um conjunto geral de vagas da universidade e você sorteia os departamentos que vão ter que adotar, contratar um professor optante pela política de ações afirmativas, e você garante, então por exemplo, nesse momento eu diria que estão acontecendo cem vagas disponíveis aqui na universidade, com concursos sendo elaborados, você garantiria a entrada de pelo menos vinte professores negros. Mas no modelo que a universidade tá fazendo, você pulveriza as vagas e você nunca vai ter um departamento que tem três vagas, ou seja, você*

fez uma lei que não vai ser cumprida, pra não ter eficácia. Então opção política da reitora e da sua equipe. (Grifos meus)

Por último e para reforçar mais ainda a defesa dos professores com relação as ações afirmativas e o porquê de sua necessidade, trago a justificativa do professor e sociólogo Emerson, que apesar de não considerar o sistema de cotas como uma solução direta as desigualdades raciais de nosso país, credita a função transformadora dessa medida.

*Sou definitivamente a favor, a gente sabe assim, as ações afirmativas, cotas na universidade, elas não vão solucionar diretamente o problema de maior parte da população porque elas não são feitas pra isso, elas não vão atender uma parte, porque pra ser atendido tem que pelo menos chegar na condição de prestar um vestibular e isso não é fácil no Brasil. Mas o que que ela mexe, ela mexe na estrutura cognitiva, social cognitiva da discriminação racial, ela modifica o espaço social, a disposição das pessoas no espaço social, no médio e longo prazo. É o que a gente sempre chama, de forma mais superficial, da questão da representatividade. Você ter negros em vários espaços, e isso de fato, porque isso muda, porque o que a gente tem, até num nível pré-reflexido essa estrutura discriminatória, esses esquemas de classificação de prejuízo dos negros e muito porque são adquiridos na pratica da nossa própria vivencia no espaço social. Então alterar esse espaço social no médio e longo prazo.* (Grifo meu)

## Com relação a situação atual e perspectivas futuras

Para finalizar este último capítulo, pretendo descrever e analisar as percepções e comentários dos entrevistados no que diz respeito ao futuro da universidade e de sua carreira. Pode-se dizer que são pensamentos heterogêneos, uns mais otimistas, outros menos, as vezes até as duas coisas, mas todos com a convicção de que ainda estamos caminhando a passos lentos e por isso, ainda distantes de alcançar um espaço democrático e que dê visibilidade aos chamados “subalternos”.

O professor Bruno se posiciona de maneira bastante pessimista quanto as mudanças e acredita continuar vivendo as mesmas discriminações pelo resto da vida, pois considera que aqui no Brasil, racismo é algo tão estrutural que não consegue enxergar o fim dele e da desigualdade.

*É triste cara, eu sei que vou sofrer isso até o resto da minha vida. Em eventos, em congressos, em tudo, mas, vida que segue. A gente vai trabalhando pra tentar mudar essa situação do país. Eu falo que o Brasil não tem muita solução não cara, eu sou meio cético, justamente por essas questões que estamos discutindo assim.*

Já a professora Rita, reconhece que temos avançado e algo incipiente vem acontecendo dentro da universidade, são mudanças fruto dessas lutas para a inclusão, já mencionadas no presente trabalho, mas também acredita que em determinados aspectos, outros professores, disciplinas, currículos, parte institucional, ainda estão conservadoras e por isso, longe de alcançar o que ela desejaria para o funcionamento da universidade, um espaço plural, democrático e inclusivo.

*O que eu percebo é a postura de estudantes, primeiro a quantidade de estudantes não só negros e negras, mas LGBTs, feministas, eu*



*sinto que tem um movimento crescente na universidade, presente. Tem uma auto-afirmação legal. Interessante, eu acho isso muito forte. Ainda que no curso de pedagogia isso seja mais sutil que os outros. Mas é muito interessante. Eu não sinto isso na faculdade de educação, não sinto. Eu prefiro falar que não sinto porque não tenho dados concretos, eu não fiz análise das ementas, que tratam sobre isso, pra poder falar com apropriação. Não sinto essa preocupação, volta e meia as pessoas falam: não, Rita que é da diversidade. Então por aí você entende que tem um certo estereótipozinho aí. É da diversidade, então bota tudo junto. Entendeu? Rita é a pessoa que trata dessas coisas, como se fosse algo pra ser tratado por uma única pessoa. A gente tem pouquíssimos professores que trazem essa questão aqui. (Grifos Meus)*

Joaze foi o professor quem mais falou sobre como percebe o atual estágio da Universidade de Brasília com relação aos avanços dessas políticas, pensando além apenas do ingresso, refletindo e propondo mudanças na estrutura dos cursos, disciplinas, ementas, entre outras medidas que continuem a luta de tantos, há tanto tempo. Ele inicia falando sobre como é preciso garantir a permanência dos alunos cotistas dentro da universidade e denuncia as barreiras que encontra no caminho de suas atuações.

*Eu acho que a universidade em termos de políticas ela precisa dar mais alguns passos, eu acho que o passo fundamental é esse né, primeiro você garantir a entrada desses alunos também na pós-graduação, não somente pro benefício dos alunos mas para o benefício da universidade. Você trazer pessoas com história de*

vida, percepções de mundo diferentes, pra tencionar e refletir de uma outra maneira a sociologia que foi produzida até então, no terceiro momento importante é a gente mexer na estrutura de professores na universidade. O que temos hoje é muito pouco. A universidade embora tenha tido direções de pessoas vinculadas ao setor esquerdista, vamos dizer assim, mas ela não se convence que isso é uma necessidade, essa é uma questão menor para a universidade. Veja bem, o debate sobre uma política de ações afirmativas na pós-graduação tá parado. Eu tô com o projeto aqui. Já dialoguei, em alguns momentos, com a antiga decana de pós-graduação. (Grifo meu)

E continua sintetizando muito bem o que ele acredita que seja o caminho para uma transformação na estrutura atual da universidade:

Então eu acho que a gente tá enfrentando esse desafio, né? E eu acho que esse é um problema, voltando a sua pergunta, isso é um problema que nós temos, não basta simplesmente a entrada do aluno negro aqui na universidade, eu acho que essa é uma etapa importante, etc, mas o tencionamento e a transformação que a gente propõe na universidade, é uma transformação no currículo da universidade, no cânone da universidade. Aí isso você precisa que esses alunos que entraram pela pós, pela ação afirmativa na graduação, cheguem a pós-graduação, se tornem professores, e comecem a pensar as coisas de uma maneira diferente a que seus professores fizeram. (Grifos Meus)

Joaze finaliza essas reflexões tentando ser otimista quanto a todo esse processo para transformação da universidade, valorizando o movimento, que principalmente através dos alunos, tem sido desenvolvido em prol disso. Mas no fim acaba dizendo que ainda acha que em termos de anos, estamos longe da transformação se concretizar.

*Talvez a gente demore muito pra isso, mas também eu acho que nem tudo está perdido porque eu acho que isso parte muito pela ação autônoma dos alunos, né? Quantos grupos de alunos existem aqui na UnB, alunos negros que tão lendo autores negros, que tão pensando de outra forma, que tão em diálogo com mães de santa, com lideranças negras, com mestres da cultura popular e essas pessoas tão começando a trazer essas outras referências pra universidade, passo que as pessoas precisam dar é se tornarem professores e criar suas próprias disciplinas e próprios programas, e gradativamente ir transformando, mas aí é uma transformação que eu me recuso a pensar em termos de anos porque me desanimaria. Algo muito lento assim, né? (Grifo meu)*

As declarações do professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) Carlos Henrique Magalhães de Lima destoam da grande maioria dos outros relatos sobre a atual situação da universidade, no caso dele, pensando no seu próprio departamento, pois ele comenta perceber a abertura para os debates referentes as discussões raciais.

*Acho que há uma abertura pro debate, porque no fundo isso também é muito incipiente, né? É algo que tá em formação. Mas acho que essas temáticas, de gênero e raça, gradualmente elas tão ganhando uma consistência maior, penetrando os espaços.*

Os desafios para os negros(as) que pretendem adentrar esse denso universo que se mostra o ambiente universitário são inúmeros. É inegável que a presença deles já é importantíssima, transformadora e motivadora para muitos, e também que as mudanças estão ocorrendo. Porém, com uma ou outra exceção, as declarações desses professores parecem apontar para a lentidão dos passos rumo ao objetivo de um ambiente mais justo e inclusivo. Parece difícil ser otimista quanto as mudanças estruturais como o racismo em nosso país, mas isso não diminui a relevância do que cada um tem feito e resistido durante suas respectivas trajetórias e cotidianamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Se ao iniciar essa jornada para elaboração deste trabalho meu objetivo era compreender os aspectos que constituem um(a) negro(a) intelectual dentro de um ambiente universitário e a sua formação identitária em diversas esferas que compõe a vida desse indivíduo, posso dizer que muito aprendi sobre esse “formar-se”, a partir da narrativa construída em seus discursos e suas histórias de vida, e creio poder afirmar que me sinto mais preparado e até inspirado em estar nessa posição se comparado ao período anterior a essa pesquisa, entendendo-a como um dos períodos dessa “formação”. Pretendo me pautar nos objetivos centrais para tecer algumas conclusões, algo muito mais próximo de propor outras reflexões e talvez lacunas a serem preenchidas nos estudos étnico-raciais dentro da educação e da academia.

Apesar de vários pontos entre as trajetórias dos professores universitários convergirem, também são várias coisas que os diferem, alguns deles são mais claros, outros mais escuros, são homens e mulheres, uns tiveram melhores condições financeiras, outros piores, portanto, percebo a heterogeneidade com relação as vivências e aos vários assuntos abordados aqui. O que não muda é a percepção quanto ao racismo presente em

nossa sociedade, reverberando para dentro da universidade e também as situações de preconceito e discriminação racial sofridas durante suas trajetórias. O que mais interessou aqui foi como eles se posicionaram e posicionam-se frente a essas situações, adotando estratégias de sobrevivência e construindo um papel peculiar para a intelectualidade negra acadêmica, visando um futuro mais democrático.

Considero que estamos avançando. Nas últimas décadas obtivemos diversas conquistas, fruto da luta de outros intelectuais, da presença do movimento negro pós redemocratização, reivindicando inclusão, o direito a educação e ao conhecimento plural contra hegemônico e, sobretudo, posicionando-se contra o racismo. Alguns dos intelectuais aqui apresentados (seja por entrevista ou por citação) participaram desse processo, outros não acompanharam por serem muito novos ou ainda não serem engajados durante esse período, porém, entendo que essa luta está bem distante de acabar e todos eles reconhecem a necessidade de dar continuidade a ela.

Todas essas conquistas e a inclusão de negros intelectuais dentro da academia é bastante positivo não só pelo aspecto da representatividade e de outras formas de reflexões e conhecimento estarem adentrando o saber científico, mas também, a entrada desses “subalternos” possibilita maior riqueza para as próprias discussões e teorias ocidentais, sobretudo nas ciências humanas e sociais. Como aponta o professor Joaze: *“você trazer pessoas com história de vida, percepções de mundo diferentes, pra tencionar e refletir de uma outra maneira a sociologia que foi produzida até então...”* Esta ideia também é muito bem desenvolvida pelo educador malaio Syed Farid Atalas, onde o mesmo ressalta que:

Considerar praticas culturais e tradições de conhecimentos não-ocidentais podem ser consideradas como fontes potenciais para conceitos e teorias, o que

iria diminuir a dependência acadêmica diante dos poderes globais das ciências sociais. (ATALAS, 2010, p. 225-226)

Podemos enxergar muita riqueza nessas questões trazidas por esses novos atores que foram historicamente silenciados dentro da produção teórica e narrativa científica. Connel (2012) reivindica uma centralidade das discussões por meio dos “teóricos do Sul”:

Para que a democracia participativa floresça em uma escala mundial, um dos requisitos é a produção de conhecimento social acessível na mais ampla escala possível e que seja gerado a partir das preocupações ad maioria das pessoas. Uma ciência centrada no Sul, de fato. (CONNEL, 2012, p.16)

Também julgo um fator interessante a ser pensado a partir do contato que tive em minha pesquisa, o fato de eu ter me aproximado de intelectuais de diversas áreas do conhecimento científico, possuindo diferentes trajetórias e diferentes posicionamentos frente as questões apresentadas, porém, percebo que apesar de todas as questões singulares e a heterogeneidade das experiências, todas elas são conscientes e preocupadas em contribuir para a mesma causa, a luta antirracista. Todos sentem o racismo, todos acreditam que ele opera e querem fazer algo quanto a isso, a estratégias são distintas, mas o objetivo é o mesmo. Um paralelo interessante é que percebi durante todo o processo que parece haver dentro das ciências humanas, de alguma forma, mesmo que lentamente, uma disposição a prática de optar por mudanças paradigmáticas a partir de reflexões não ocidentais, afrodescendentes ou indígenas. No entanto, dentro desse mesmo ambiente fica a impressão de que apenas nessas áreas há algo ocorrendo e se transformando, como se apenas ali houvesse discussão, apenas ali houvesse consciência racial e ações progressistas.

O professor Filomeno, que faz parte de um desses locais onde possivelmente as pessoas não creditariam nenhum ativismo em prol a igualdade racial, foi um dos interlocutores mais veementes e com declarações enfáticas frente ao preconceito e discriminação racial em nosso país, em nossas instituições de ensino e de como (re)agir quanto a isso. Além de só o fato de Filomeno estar ali já ser transformador, sua postura frente aos desafios que passou e que percebe em nossa sociedade, o faz de inspiração para muitos outros alunos negros, periféricos e cotistas. O professor Carlos Henrique pontuou sobre a abertura de sua área para novas áreas de pesquisa, das estratégias do movimento negro, formando grupos de estudos, e práticas propostas, sobretudo pelos alunos. O professor Nelson Inocêncio, o qual infelizmente não consegui marcar uma entrevista, mas já tive a feliz oportunidade de ter algumas conversas e até mesmo uma ou outra aula, já afirmou anteriormente o caráter transversal que o debate das relações raciais precisa ter. E não estereotipado e centralizado dentro das ciências humanas, focalizando ainda mais nas sociais (INOCÊNCIO, 2007).

A fala de Joaze sobre o caráter extra científico do que se estuda, com o exemplo do impacto que poderia ter um aluno indígena na pesquisa em engenharia, por seus interesses distintos, me faz refletir que seria muito mais interessante pensarmos as relações raciais a partir desse aspecto amplo que ela possui, alunos, pesquisadores e docentes negros, se encontrando nas múltiplas áreas do conhecimento podem formular problemas e soluções que sozinhos não lhe seriam possíveis. Vejo nesse um ótimo caminho para tornar possível a libertação das amarras do enquadramento epistêmico e da domesticação mental que, como já foi dito, nos pontua Fanon (1979).

Por fim, gostaria de enfatizar que percebo esse trabalho aqui realizado como uma fotografia de um momento, sobretudo, das relações raciais no contexto acadêmico brasileiro, entendo que fotografias por serem registros que permitem o resgate de um

momento, também tem serventia para fins comparativos de um futuro ou um passado próximo. Carlos Moore (2007) já diria que historicamente, o racismo nunca recua permanentemente. Apesar dos avanços, precisamos estar atentos e atuantes, sobretudo em um momento controverso da atual política brasileira, onde várias propostas de retrocesso vêm sendo acatadas pelo atual governo e talvez pelo imaginário da maioria popular. Com essa imagem pretendo contribuir para a contínua luta dessa visibilidade, dessa vocalização de sujeitos historicamente subalternizados, e que permaneça para fins comparativos entre outras pesquisas com propostas semelhantes, para um futuro ou para algo mais profundo e específico dentro dessa construção.

Mais uma vez cito Carlos Moore, “A luta pelo pluralismo racial, a luta pela afirmação da diferença, luta contra o racismo, deve também ser um fator permanente da sociedade, articulando-se igualmente a partir das estruturas sociais” (2007, p.292), para pensarmos que precisamos de permanência e articulação nessa luta. Também trago por último, inspirado na provocação da autora Raewyn Connel (2012), que o que precisamos a partir de agora, além de manter a vocalização desses sujeitos, é fazer com que, cada vez mais, sejam ouvidos. Há um longo caminho pela frente, que esta pesquisa inspire novas pesquisas, novas críticas, sempre na busca de uma sociedade e uma ciência mais plural, justa e livre do racismo e preconceitos.



## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Uma história do negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2016.

BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. Estudos afro-asiáticos, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002.

CARNEIRO, S. Negros de pele clara. Contra o discurso da mediocridade moreninha, in «Afirma», revista negra on-line. 2004.

CARVALHO, José Jorge de. A política de cotas no ensino superior. Ensaio, 2016.

CARVALHO, José Jorge. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. Revista da USP, São Paulo, n. 68, p. 88-103, 2006.

CARVALHO, José Jorge de. Usos e abusos da antropologia em um contexto de tensão racial: o caso das cotas para negros na UnB. Horizontes Antropológicos, v. 11, n. 23, p. 237-246, 2005.

CONNEL, Raewyn. (2012), A Iminente Revolução na Teoria Social. In: Rev. bras. Ci. Soc. vol.27 no.80 São Paulo Oct.

DE ALMEIDA, Virítiana Aparecida; DE SOUZA, Nelson Rosário. Trajetória dos argumentos sobre as ações afirmativas: da Marcha Zumbi dos palmares à conferência de Durban. Sociologias Plurais, v. 1, n. 2, 2013.

DE OLIVEIRA, Otair Fernandes. Intelectualidade negra e produção do conhecimento na educação brasileira. Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura. ISSN 2526-2742, v. 1, p. 106-118, 2017.

FANON, Frantz. Os condenados da terra (The wretched of the earth). 1979.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. SciELO-EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo Frankllin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. Psicologia: ciência e profissão, v. 31, n. 2, p. 374-389, 2011.

GOMES, N.L., A Universidade Pública como Direito dos(as) Jovens Negros(as):a experiência do Programa Ações Afirmativas na UFMG, in SANTOS, S. A. (org) Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas, Brasília, Ministério da Educação, 2007..

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e pesquisa, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, p. 492-516, 2010.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. Revista de antropologia, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004.

HOLANDA, Maria Auxiliadora de Paula Gonçalves. Tornar-se negro: trajetórias de vida de professores universitários no Ceará. 2009. 2009. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

HOLANDA, Marianna. Pioneira em cotas raciais, UnB tem menos de 2% de professores negros. G1 DF, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/01/pioneira-em-cotas-raciais-unb-tem-menos-de-2-de-professores-negros.html>

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. A trajetória de um intelectual negro na UnB. *Padê: Estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos (encerrada)*, v. 1, n. 1, 2007.

LOPES, Francisca Maria de Souza Ramos. A constituição discursiva de identidades étnicorraciais de docentes negros/as: silenciamentos, batalhas travadas e histórias (re) significadas. 2010.

MOEHLECKE, Sabrina. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. *Cadernos de pesquisa*, n. 117, p. 197-217, 2002.

MOORE, Carlos W. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Mazza, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 2009.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. *Sociedade e cultura*, v. 4, n. 2, 2001.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo social*, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007.

OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro et al. *Negro intelectual, intelectual negro ou negro-intelectual: considerações do processo de constituir-se negro-intelectual*. 2013.

PIRES, Mara Fernanda Chiari et al. *Docentes negros na universidade pública brasileira: docência e pesquisa como resistência e luta*. 2014.

SILVA E SILVA, Tainan et al. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. *Direito UNIFACS–Debate Virtual*, n. 201, 2017.

SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

ROCHA, Emerson Ferreira. O negro no mundo dos ricos: um estudo sobre a disparidade racial de riqueza no Brasil com os dados do censo demográfico de 2010. 2015.

VELLOSO, Jacques. Cotistas e não-cotistas: rendimento de alunos da Universidade de Brasília. Cadernos de pesquisa, v. 39, n. 137, p. 621-644, 2013.